

Marília de Dirceu
(Texto estabelecido e anotado por Sérgio Pachá)

PARTE I

Lira I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte:
Dos anos inda não está cortado;
Os pastores que habitam este monte
Respeitam o poder de meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninhaⁱ,
Que inveja até me tem o próprio Alcesteⁱⁱ:
Ao som dela concerto a voz celeste;
Nem canto letra que não seja minha,

Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil pastora,
Depois que teu afeto me seguraⁱⁱⁱ
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte e prado;
Porém, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais que um rebanho e mais que um trono.

Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve;
Papoula^{iv} ou rosa delicada e fina
Te cobre as faces, que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! Não, não fez o céu, gentil pastora,
Para glória de Amor igual tesouro!

Graças, Marília bela,

Graças à minha estrela!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio, sobre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rês, o nédio gado.
Já destes bens, Marília, não preciso
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marília, basta
Que os olhos movas, e me dês um riso.
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marília, no meu braço;
Aqui descansarei a quente sesta,
Dormindo um leve sono em teu regaço;
Enquanto a luta jogam os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabelos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores^v.
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

Depois que nos ferir a mão da morte,
Ou seja neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dois^{vi} a mesma terra.
Na campa, rodeada de ciprestes,
Lerão estas palavras os pastores:
“Quem quiser ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos que nos deram estes.”
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

Lira II

Pintam, Marília, os poetas
A um menino vendado,
Com uma aljava de setas,
Arco empunhado na mão;
Ligeiras asas nos ombros,
O tenro corpo despido,
E de Amor ou de Cupido
São os nomes que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,
Que assim seja Amor, pois ele
Nem é moço nem é cego,
Nem setas nem asas tem.

Ora pois, eu vou formar-lhe
Um retrato mais perfeito,
Que ele já feriu meu peito:
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabelos,
Que sobre as costas ondeiam,
São que os de Apolo mais belos,
Mas de loura cor não são.
Têm a cor da negra noite;^{vii}
E com o branco do rosto
Fazem, Marília, um composto
Da mais formosa união.

Tem redonda e lisa testa,
Arqueadas sobrancelhas,
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são uns sóis.
Aqui vence Amor ao céu:
Que no dia luminoso
O céu tem um sol formoso,
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face mimosa,
Marília, estão misturadas
Purpúreas folhas de rosa,
Brancas folhas de jasmim^{viii}.
Dos rubins^{ix} mais preciosos
Os seus beijos^x são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito,
Dei logo um suspiro, e ele
Conheceu haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava^{xi};
Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe um dia formoso;
Ele, ouvindo os seus louvores,
Com um gesto desdenhoso
Se sorriu, e não falou.
Pintei-lhe outra vez o estado
Em que estava esta alma posta;
Não me deu também resposta,
Constrangeu-se e suspirou.

Conheço os sinais; e logo,
Animado de esperança,
Busco dar um desafogo
Ao cansado coração.
Pego em teus dedos nevados,
E querendo dar-lhe um beijo,
Cobriu-se todo de pejo,
E fugiu-me com a mão.

Tu, Marília, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Contigo estarás dizendo
Que é este o retrato teu.
Sim, Marília, a cópia é tua,
Que Cupido é deus suposto:
Se há Cupido, é só teu rosto,
Que ele foi quem me venceu^{xii}.

Lira III

De amar, minha Marília, a formosura
Não se podem livrar humanos peitos:
Adoram os heróis, e os mesmos brutos
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
Quem, Marília, despreza uma beleza
A luz da razão precisa,
E se tem discurso^{xiii}, pisa
A lei, que lhe ditou a Natureza.

Cupido entrou no céu. O grande Jove
Uma vez se mudou em chuva de ouro;
Outras vezes tomou as várias formas
De general de Tebas, velha e touro^{xiv}.
O próprio deus da guerra desumano
Não viveu de amor ileso:
Quis a Vênus e foi preso
Na rede, que lhe armou o deus Vulcano.

Mas sendo amor igual para os viventes,
Tem mais desculpa, ou menos esta chama:
Amar formosos rostos acredita^{xv},
Amar os feios, de algum modo infama.
Quem lê que Jove amou, não lê nem topa,
Que ele amou vulgar donzela:
Lê que amou a Dânae bela,
Encontra que roubou a linda Europa.

Se amar uma beleza se desculpa
Em quem ao próprio céu e terra move:
Qual é a minha glória, pois igualo

Ou excedo no amor ao mesmo Jove?
Amou o pai dos deuses soberano
 Um semblante peregrino;
 Eu adoro o teu divino,
O teu divino rosto, e sou humano.

Lira IV^{xvi}

Marília, teus olhos
São réus e culpados
Que sofra e que beije
Os ferros pesados
De injusto senhor.
 Marília, escuta
 Um triste pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A língua prendeu-se,
Tremi e mudou-se
Das faces a cor.
 Marília, escuta
 Um triste pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda e maior.
 Marília, escuta
 Um triste Pastor.

Dispus-me a servir-te;
Levava o teu gado
À fonte mais clara,
À vargem e prado
De relva melhor.
 Marília, escuta
 Um triste pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia dos ninhos^{xvii}
As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.
 Marília, escuta
 Um triste pastor.

Se alguém te louvava,
De gosto me enchia;

Mas sempre o ciúme
No rosto acendia
Um vivo calor.
 Marília, escuta
 Um triste pastor.

Se estavas alegre,
Dirceu se alegrava;
Se estavas sentida,
Dirceu suspirava
À força da dor.
 Marília, escuta
 Um triste pastor.

Falando com Laura,
Marília dizia;
Sorria-se aquela,
E eu conhecia
O erro de amor.
 Marília, escuta
 Um triste pastor.

Movida, Marília,
De tanta ternura,
Nos braços me deste
Da tua fé pura
Um doce penhor.
 Marília, escuta
 Um triste pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura,
Mas nunca seria
Teu peito traidor.
 Marília, escuta
 Um triste pastor.

Tu já te mudaste;
E a olaia frondosa,
Aonde escreveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.
 Marília, escuta
 Um triste pastor.

Mas eu te desculpo,
Que o fado tirano
Te obriga a deixar-me,
Pois busca o meu dano

Da sorte que for.
Marília, escuta
Um triste pastor.

Lira V

Acaso são estes
Os sítios formosos.
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Enquanto pastava
O gordo rebanho
Que Alceu^{xviii} me deixou?
São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Daquele penhasco
Um rio caía;
Ao som do sussurro
Que^{xix} vezes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas:
Parece que o rio
O curso voltou.^{xx}
São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Meus versos, alegre,
Aqui repetia;
O eco as palavras
Três vezes dizia.
Se chamo por ele,
Já não me responde;
Parece se esconde,
Cansado de dar-me
Os ais que lhe dou.
São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Aqui um regato
Corria, sereno,
Por margens cobertas
De flores e feno;
À esquerda se erguia
Um bosque fechado,
E o tempo apressado,
Que nada respeita,
Já tudo mudou.
se os olhos,
De triste que estou.
São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Lira VI

Oh! Quanto pode em nós a vária estrela!
Que diversos que são os gênios nossos!
Qual solta a branca vela,
E afronta sobre o pinho os mares grossos;
Qual cinge com a malha o peito duro,
E, marchando na frente das coortes,
Faz a torre voar, cair o muro^{xxi}.

O sórdido avarento em vão defende^{xxii}
Que possa o filho entrar no seu tesouro:
Aqui, fechado, estende
Sobre a tábua, que verga, as barras de ouro.
Sacode o jogador do copo os dados;
E numa noite só, que ao sono rouba,
Perde o resto dos bens, do pai herdados.

O que da voraz gula o vício adora,
Da lauta mesa os seus prazeres fia;
E o terno Alceste chora
Ao som dos versos, a que o gênio o guia.
O sábio Galileu toma o compasso,
E sem voar ao céu, calcula, e mede
Das estrelas e sol o imenso espaço.

Enquanto pois, Marília, a vária gente
Se deixa conduzir do próprio gosto,
Passo as horas contente,
Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem cansar-me a saber se o sol se move;
Ou se a terra volteia, assim conheço
Aonde chega a mão do grande Jove.

Noto, gentil Marília, os teus cabelos.
E noto as faces de jasmins e rosas;
 Noto os teus olhos belos,
Os brancos dentes, e as feições mimosas;
Quem faz uma obra tão perfeita e linda,
Minha bela Marília, também pode
Fazer os céus e mais, se há mais ainda.

Lira VII

Vou retratar a Marília,
A Marília, meus amores;
Porém como? Se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores:
Dar-mas a terra não pode;
Não, que a sua cor mimosa
Vence o lírio, vence a rosa,
O jasmim e as outras flores.
 Ah! Socorre, Amor, socorre
 Ao mais grato empenho meu!
 Voa sobre os astros, voa,
 Traz-me as tintas do céu.

Mas não se esmoreça logo;
Busquemos um pouco mais;
Nos mares talvez se encontrem
Cores que sejam iguais.
Porém, não, que em paralelo
Da minha ninfa adorada
Pérolas não valem nada,
Não valem nada os corais.
 Ah! Socorre, Amor, socorre
 Ao mais grato empenho meu!
 Voa sobre os astros, voa,
 Traz-me as tintas do céu.

Só no céu achar-se podem
Tais belezas, como aquelas
Que Marília tem nos olhos,
E que tem nas faces belas.
Mas às faces graciosas,
Aos negros olhos, que matam,
Não imitam, não retratam
Nem auroras, nem estrelas.
 Ah! Socorre, Amor, socorre
 Ao mais grato empenho meu!
 Voa sobre os astros, voa,
 Traz-me as tintas do céu.

Entremos, Amor, entremos,

Entremos na mesma esfera,
Venha Palas, venha Juno,
Venha a deusa de Citera^{xxiii}.
Porém não, que se Marília
No certame antigo entrasse,
Bem que a Páris não peitasse,
A todas as três vencera.
 Vai-te, Amor, em vão socorres
 Ao mais grato empenho meu:
 Para formar-lhe o retrato
 Não bastam tintas do céu

Lira VIII

Marília, de que te queixas?
De que te roube Dirceu
O sincero coração?
Não te deu também o seu?
E tu, Marília, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
 Todos amam; só Marília
 Desta lei da Natureza
 Queria ter isenção?

Em torno das castas pombas,
Não rulam^{xxiv} ternos pombinhos?
E rulam, Marília, em vão?
Não se afagam cos^{xxv} biquinhos?
E a provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
 Todos amam; só Marília
 Desta lei da Natureza
 Queria ter isenção?

Já viste, minha Marília,
Avezinhas que não façam
Os seus ninhos no verão?
Aqueles, com quem se enlaçam,
Não vão cantar-lhes defronte
Do mole pouso, em que estão?
 Todos amam; só Marília
 Desta lei da Natureza
 Queria ter isenção?

Se os peixes, Marília, geram
Nos bravos mares e rios,
Tudo efeitos de Amor são.
Amam os brutos ímpios^{xxvi},
A serpente venenosa,
A onça, o tigre, o leão.

Todos amam; só Marília
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

As grandes deusas do céu
Sentem a seta tirana
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Pelo amor de Endimião?
Todos amam; só Marília
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

Desiste, Marília bela,
De uma queixa, sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chama é inspirada
Pelo céu; pois nela assenta
A nossa conservação.
Todos amam; só Marília
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

Lira IX

Eu sou, gentil Marília, eu sou cativo;
Porém não me venceu a mão armada
De ferro e de furor;
Uma alma sobre todas elevada
Não cede a outra força que não seja
A tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora
Cadeias, nas bigornas trabalhadas
Com pesados martelos;
Eu tenho as minhas mão ao carro atadas
Com duros ferros não, com fios d'ouro,
Que são os teus cabelos.

Oculto nos teus meigos, vivos olhos,
Cupido a tudo faz tirana guerra,
Sacode a seta ardente;
E sendo despedida cá da terra.
As nuvens rompe, chega ao alto Empíreo,
E chega ainda quente.

As abelhas, nas asas suspendidas,
Tiram, Marília, os sucos saborosos
Das orvalhadas flores:

Pendentes dos teus beijos graciosos,^{xxvii}
Ambrósias chupam, chupam mil feitiços
Nunca fartos Amores.

O vento, quando parte em largas fitas
As folhas, que meneia com brandura;
A fonte cristalina,
Que sobre as pedras cai de imensa altura,
Não forma um som tão doce, como forma
A tua voz divina.

Em torno dos teus peitos, que palpitam,
Exalam mil suspiros desvelados
Enxames de desejos;
Se encontram os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropelem, voam, chegam,
E dão furtivos beijos.

O cisne, quando corta o manso largo,
Erguendo as brancas asas e o pescoço;
A nau, que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuna o pano grosso,
O teu garbo não tem, minha Marília,
Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade;
Eu prezo o cativoiro, sim, nem chamo
À mão de Amor impia:
Honro a virtude e os teus dotes amo^{xxviii}.
Também o grande Aquiles veste a saia^{xxix},
Também Alcides fia^{xxx}.

Lira X

Se existe um peito,
Que isento viva
Da chama ativa,
Que acende Amor;
Ah! Não habite
Neste montado^{xxxi},
Fuja apressado
Do vil traidor.

Corra, que o ímpio
Aqui se esconde,
Não sei aonde,
Mas sei que o vi.
Traz novas setas,
Arco robusto;
Tremi de susto,

Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortais,
Quantos sinais
O impio tem.
Oh! Como é justo
Que todo o humano
Um tal tirano
Conheça bem!

No corpo ainda
Menino existe^{xxxii};
Mas quem resiste
Ao braço seu?
Ao negro inferno
Levou a guerra;
Venceu a terra,
Venceu o céu.

Jamais se cobrem
Seus membros belos;
E os seus cabelos
Que lindos são!
Vendados olhos,
Que tudo alcançam,
E jamais lançam
A seta em vão.

As suas faces
São cor da neve;
E a boca breve
Só risos tem.
Mas, ah! respira
Negros venenos,
Que nem ao menos
Os olhos vêem.

Aljava grande
Dependurada,
Sempre atacada^{xxxiii}
De bons farpões.
Fere com estas
Agudas lanças
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Se a seta falta,
Tem outra pronta,
Que a dura ponta

Jamais torceu.
Ninguém resiste
Aos golpes dela:
Marília bela
Foi quem lha deu.

Ah! Não sustente
Dura peleja
O que deseja
Ser vencedor.
Fuja e não olhe,
Que só fugindo
De um rosto lindo
Se vence Amor.

Lira XI

Não toques, minha Musa, não, não toques
Na sonora lira,
Que às almas, como a minha, namoradas,
Doces canções inspira;
Assopra no clarim, que, apenas soa,
Enche de assombro a terra;
Naquele, a cujo som cantou Homero,
Cantou Virgílio a guerra.
Busquemos, ó Musa,
Empresa maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que forma
Cupido o seu tesouro,
Vivos olhos e faces cor da neve,
Com crespos fios de ouro:
Meus olhos só vêem gramas e loureiros;
Vêem carvalhos^{xxxiv} e palmas;
Vêem os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.
Busquemos, ó Musa,
Empresa maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Cantemos o herói^{xxxv}, que já no berço
As serpes despedaça;
Que fere os Cacos, que destronca as Hidras,
Mais os leões, que abraça.
Cantemos, se isto é pouco, a dura guerra
Dos Titães e Tifeus,
Que arrancam as montanhas e, atrevidos,

Levam armas aos céus.
Busquemos, ó Musa,
Empresa maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento,
Que a voz também levanto;
Porém tu deste muito acima o ponto^{xxxvi},
Dirceu não pode tanto.
Abaixa, minha Musa, o tom, que ergueste;
Eu já, eu já te sigo.
Mas, ah! vou a dizer *herói*, e guerra,
E só *Marília* digo.
Deixemos, ó Musa,
Empresa maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! Sim, agora
Meu canto já se afina:
E a humana voz parece que ao som delas
Se faz também divina.
O mesmo que cercou de muro a Tebas^{xxxvii}
Não canta assim tão terno;
Nem pode competir comigo aquele,
Que desce ao negro inferno^{xxxviii}.
Deixemos, ó Musa,
Empresa maior^{xxxix},
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Mal repito *Marília*, as doces aves
Mostram sinais de espanto;
Erguem os colos, voltam as cabeças,
Param o ledó canto;
Move-se o tronco, o vento se suspende,
Pasma o gado e não come.
Quanto podem meus versos! Quanto pode
Só de *Marília* o nome!

Deixemos, ó Musa,
Empresa maior;
Só posso, seguir-te
Cantando de amor.

Lira XII

Topei um dia
Ao Deus vendado,

Que descuidado
Não tinha as setas
Na impia mão.
 Mal o conheço,
Me sobe logo
Ao rosto o fogo,
Que a raiva acende
No coração.

“Morre, tirano;
Morre, inimigo.”
Mal isto digo,
Raivoso o aperto
Nos braços meus.
 Tanto que o moço
Sente apertar-se,
Para salvar-se
Também me aperta
Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ar levanto;
Ah! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão!
 Pôde suster-se
A vez primeira;
Mas à terceira
Nos pés, que alarga,
Se firma em vão.

Mal o derrubo,
Ferro aguçado
No já cansado
Peito, que arqueja,
Mil golpes deu.
 Suou seu rosto;
Tremeu, gemendo;
E a cor perdendo,
Bateu as asas;
Enfim, morreu.

Qual bravo Alcides^{xl},
Que a hirsuta pele
Vestiu daquele
Grenhoso bruto^{xli},
A quem matou,
 Para que prove
A empresa honrada,
Coa^{xlii} mão manchada

Recolho as setas
Que me deixou.

Ouviu Marília
Que Amor gritava,
E como estava
Vizinha ao sítio
Valer-lhe vem;
 Mas quando chega
Espavorida,
Nem já de vida
O fero monstro
Indício tem.

Então Marília,
Que o vê de perto
De pó coberto,
E todo envolto
No sangue seu,
 As mãos aperta
No peito brando,
E aflita dando
Um ai, os olhos
Levanta ao céu.

Chega-se a ele,
Compadecida;
Lava a ferida
Co pranto amargo,
Que derramou.
 Então o monstro
Dando um suspiro,
Fazendo um giro
Coa baça vista,
Ressuscitou.

Respira a deusa;
E vem o gosto
Fazer no rosto
O mesmo efeito,
Que fez a dor.
 Que louca idéia
Foi a que tive!
Enquanto vive
Marília bela,
Não morre Amor.

Lira XIII

Oh! quantos riscos,

Marília bela,
Não atropela
Quem, cego, arrasta
Grilhões de Amor!
 Um peito forte,
De acordo falto,
Zomba do assalto
Do vil traidor^{xliii}.

O amante de Hero^{xliv}
Da luz guiado,
Co peito ousado
Na escura noite
Rompe o mar.
 Se o Helesponto
Se encapelava,
Ah! não deixava
De lhe ir falar.

Do cantor trácio^{xlv}
A herocidade
Esta verdade,
Minha Marília,
Prova também:
 Cheio de esforço
Vai ao Cocito^{xlvi}
Buscar aflito,
Seu doce bem^{xlvii}.

Que ação tão grande
Nunca intentada!
Ao pé da entrada,
Já tudo assusta
O coração:
 Pendentes rochas,
Campos adustos,
Que nem arbustos
Nem ervas dão.

Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Aqueronte^{xlviii},
Rio de ardente,
Mortal licor.

 Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista inflamada,
Que mete horror.

Que seguranças!

Que fechaduras!
As portas duras
Não são de lenhos,
De ferro são.

 Por três gargantas,
Quando alguém bate,
Raivoso late
O negro cão^{xlix}.

Dentro da cova
Soam lamentos;
E que tormentos
Não mostra aos olhos
A escassa luz!

 Minos^l a pena
Manda se intime
Igual ao crime
Que ali conduz.

Grande penedo
Este carrega;
E apenas chega
Do monte ao cume,
O faz rolar.

 A pedra sempre
Ao vale desce,
Sem que ele cesse
De a ir buscar^{li}.

Nas limpas águas
Habita aquele;
Por cima dele
Verdejam ramos,
Que pomos dão.

 Debalde a boca
Molhar pretende^{lii};
Debalde estende
Faminta mão^{liii}.

Tem outro o peito
Despedaçado:
Monstro esfaimado
Jamais descansa
De lho roer.

 A roxa^{liv} carne,
Que o abutre come,
Não se consome,
Torna a crescer^{lv}.

Mas, bem que tudo

Pavor inspira^{lvi},
Tocando a lira
Desce ao Averno^{lvii}
O bom cantor.

 Não se entorpece
A língua e braço;
Não treme o passo,
Não perde a cor.

Ah! também quanto
Dirceu obrara,
Se precisara
Marília bela
De esforço seu!
 Rompera os mares
Co peito terno,
Fora ao inferno,
Subira ao céu.

Aos dois amantes
De Trácia e Abido^{lviii}
Não deu Cupido
Do que aos mais todos
Maior valor.
 Por seus vassalos
Forças reparte,
Como lhes parte
Os graus de amor.

Lira XIV^{lix}

Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.
 Estão os mesmos deuses
Sujeitos ao poder do ímpio Fado:
Apolo já fugiu do céu brilhante,
 Já foi pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte:
 Qual fica no sepulcro,
Que seus avós ergueram, descansado;
Qual^{lx} no campo, e lhe arranca os frios ossos
 Ferro do torto arado.

Ah! enquanto os Destinos impiedosos

Não voltam contra nós a face irada,
Façamos, sim, façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos.

Um coração que, frouxo,
A grata posse de seu bem difere,
A si, Marília, a si próprio rouba,
E a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores,
E façamos de feno um brando leito;
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo que se passa
Também, Marília, morre.

Com os anos, Marília, o gosto falta,
E se entorpece o corpo já cansado:
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho, sempre alegre, salta.

A mesma formosura
É dote que só goza a mocidade:
Rugam-se as faces, o cabelo alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marília bela?
Que vão passando os fluorescentes dias?
As glórias que vêm tarde, já vêm frias,
E pode, enfim, mudar-se a nossa estrela.

Ah! Não, minha Marília,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças
E ao semblante a graça!

Lira XV

A minha bela Marília
Tem de seu um bom tesouro;
Não é, doce Alceu, formado
Do buscado
Metal louro.

É feito de uns alvos dentes,
É feito de uns olhos belos,
De umas faces graciosas,
De crespos, finos cabelos,
E de outras graças maiores
Que a natureza lhe deu:
Bens, que valem sobre a terra,
E que têm valor no céu.

Eu posso romper os montes,
Dar às correntes desvios,
Pôr cercados espaçosos
 Nos caudosos,
 Turvos rios.
Posso emendar a ventura
Ganhando, astuto, a riqueza;
Mas, ah! caro Alceu, quem pode
Ganhar uma só beleza
Das belezas que Marília
No seu tesouro meteu?
Bens, que valem sobre a terra,
E que têm valor no céu.

Da sorte que vive o rico,
Entre o fausto, alegremente,
Vive o guardador do gado,
 Apoucado,
 Mas contente.
Beije pois torpe avaro
As arcas, de barras cheias;
Eu não beijo os vis tesouros;
Beijo as douradas^{lxi} cadeias,
Beijo as setas, beijo as armas
Com que o cego Amor venceu:
Bens, que valem sobre a terra,
E que têm valor no céu.

Ama Apolo, o fero Marte,
Ama, Alceu, o mesmo Jove:
Não é, não, a vã riqueza,
 Sim beleza,
 Quem os move.
Posto ao lado de Marília,
Mais que mortal me contemplo;
Deixo os bens, que aos homens cegam,
Sigo dos deuses o exemplo:
Amo virtudes e dotes;
Amo, enfim, prezado Alceu,
Bens, que valem sobre a terra,
E que têm valor no céu.

Lira XVI

Eu, Glaucete^{lxii}, não duvido
Ser a tua Eulina amada
 Pastora formosa,
 Pastora engraçada^{lxiii}.
Vejo a sua cor de rosa,

Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpúreos beiços,
Vejo o peito cristalino;
Nem há coisa^{lxiv}, que assemelhe
Ao crespo cabelo louro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale um imenso tesouro!

Ela vence muito e muito
À laranjeira copada,
 Estando de flores
 E frutos ornada.
É, Glauceste, os teus amores;
E nem por outra pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bela fora,
O meu Glauceste cansara
As divinas cordas de ouro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale um imenso tesouro!

Sim, Eulina é uma deusa;
Mas anima a formosura
 De uma alma de fera
 Ou inda mais dura.
Ah! quando Dirceu pondera
Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o sofrimento,
E qual enfermo delira!
Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de ouro,
A tua Eulina não vale,
Não vale imenso tesouro.

O fuzil, que imita a cobra,
Também aos olhos é belo;
 Mas quando alumeia^{lxv},
 Tu tremes de vê-lo.
Que importa se mostre cheia
De mil belezas a ingrata?
Não se julga formosura
A formosura que mata.
Evita, Glauceste, evita
O teu estrago e desdouro;
A tua Eulina não vale,
Não vale imenso tesouro.

A minha Marília quanto
À natureza não deve!
 Tem divino rosto

E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gosto,
Ri-se Marília, contente;
Se canto, canta comigo;
E apenas triste me sente,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabelo louro.
A minha Marília vale,
Vale um imenso tesouro.

Lira XVII

Minha Marília,
Tu enfadada?
Que mão ousada
Perturbar pode
A paz sagrada
Do peito teu?
 Porém que muito
Que irado esteja
O teu semblante:
Também troveja
O claro céu.

Eu sei, Marília,
Que outra pastora
A toda hora,
Em toda a parte,
Cega namora
Ao teu pastor.

 Há sempre fumo
Aonde há fogo:
Assim, Marília,
Há zelos, logo
Que existe amor.
Olha, Marília,
Na fonte pura
A tua alvura,
A tua boca
E a compostura
Das mais feições.

 Quem tem teu rosto
Ah! não receia
Que terno amante
Solte a cadeia,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
Nestas campinas
Sem as boninas

No seu cabelo,
Sem peles finas
No seu jubão.
 Porém que importa?

O rico asseio
Não dá, Marília,
Ao rosto feio
A perfeição.

Quando apareces
Na madrugada,
Mal embrulhada
Na larga roupa,
E desgrenhada,
Sem fita ou flor,
 Ah! que então brilha
A natureza!
Então se mostra
Tua beleza
Inda maior.

O céu formoso,
Quando alumia
O sol de dia,
Ou estrelado
Na noite fria,
Parece bem.
 Também tem graça
Quando amanhece;
Até, Marília,
Quando anoitece
Também a tem.

Que tens, Marília,
Que ela suspire,
Que ela delire,
Que corra os vales,
Que os montes gire,
Louca de amor?
 Ela é que sente
Esta desdita;
E na repulsa
Mais se acredita^{lxvi}
O teu pastor.

Quando há, Marília,
Alguma festa
Lá na floresta,
(Fala a verdade!)
dança com esta

o bom Dirceu?
E se ela o busca,
Vendo buscar-se,
Não se levanta,
Não vai sentar-se
Ao lado teu?

Quando um por outro
Na rua passa,
Se ela diz graça,
Ou muda o gesto,
Esta negaça
Faz-lhe impressão?
Se está fronteira,
E brandamente
Lhe fita os olhos,
Não põe prudente
Os seus no chão?

Deixa o ciúme,
Que te desvela:
Marília bela,
Nunca receies
Dano daquela
Que igual não for.
Que mais desejas?
Tens lindo aspecto;
Dirceu se alenta
De puro afeto,
E pundonor.

Lira XVIII

Não vês aquele velho respeitável
Que à muleta encostado
Apenas mal se move, e mal se arrasta?
Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo!
O tempo arrebatado,
Que o mesmo bronze gasta.

Enrugaram-se as faces, e perderam
Seus olhos a viveza;
Voltou-se o seu cabelo em branca neve;
Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo,
Nem tem uma beleza
Das belezas, que teve.

Assim também serei, minha Marília,
Daqui a poucos anos,
Que o ímpio tempo para todos corre:

Os dentes cairão e os meus cabelos.
Ah! sentirei os danos
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei uma velhice
Muito menos penosa.
Não trarei a muleta carregada,
Descansarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa,
Na tua mão nevada.

Nas frias tardes, em que negra nuvem
Os chuveiros^{lxvii} não lance,
Irei contigo ao prado florescente:
Aqui me buscarás um sítio ameno,
Onde os membros descanse,
E o brando sol me aquente.

Apenas me sentar^{lxviii}, então, movendo
Os olhos por aquela
Vistosa parte, que ficar fronteira,
Apontando direi: “Ali falamos,
Ali, ó minha bela,
Te vi a vez primeira.”

Verterão os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria;
Farão teus olhos ternos outro tanto;
Então darei, Marília, frios beijos
Na mão formosa e pia,
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marília, docemente
Meu corpo suportando
Do tempo desumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marília
Quem, sentida, chorando,
Meus baços olhos cerra.

Lira XIX

Enquanto pasta, alegre, o manso gado,
Minha bela Marília, nos sentemos
À sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
Na regular beleza,
Que em tudo quanto vive nos descobre
A sábia Natureza.

Atende, como aquela vaca preta

O novilhinho^{lxi} seu dos mais separa,
E o lambe, enquanto chupa a lisa teta.
Atende mais, ó cara,
Como a ruiva cadela
Suporta que lhe morda o filho o corpo,
E salte em cima dela.

Repara como, cheia de ternura,
Entre as asas ao filho essa ave aqueça,
Como aquela esgravata a terra dura,
E os seus assim sustenta;
Como se encoleriza
E salta sem receio a todo o vulto
Que junto deles pisa.
Que gosto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando
E refletir então no seu semblante!
Quando, Marília, quando
Disser consigo: “É esta
De teu querido pai a mesma barba^{lxx},
A mesma boca e testa.”

Que gosto não terá a mãe, que toca,
Quando o tem nos seus braços, co dedinho
Nas faces graciosas e na boca
Do inocente filhinho!
Quando, Marília bela,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la!^{lxxi}

Que prazer não terão os pais, ao verem
Com as mães um dos filhos abraçados^{lxxii},
Jogar outros a luta, outros correrem
Nos cordeiros montados!
Que estado de ventura:
Que até naquilo, que de peso serve,
Inspira Amor doçura!

Lira XX

Em uma frondosa
Roseira se abria
Um negro botão.
Marília adorada
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

Nas folhas^{lxxiii} viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeu.

Tocou-lhe Marília:
Na mão descuidada
A fera mordeu.

Apenas lhe morde,
Marília, gritando,
Co dedo fugiu.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudiu.

Mal viu a rotura^{lxxiv}
E o sangue espargido,
Que a deusa mostrou,
Risonho, beijando
O dedo ofendido,
Assim lhe falou:

“Se tu por não tão pouco
O pranto desatas,
Ah! dá-me atenção:
E como daquele
Que feres e matas,
Não tens compaixão?”

Lira XXI

Não sei, Marília, que tenho,
Depois que vi o teu rosto,
Pois quanto não é Marília
Já não posso ver com gosto.
Noutra idade me alegrava,
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro:
Hoje, ó bela, me aborrece
Inda o trato lisonjeiro
Do mais discreto pastor.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?

Saio da minha cabana
Sem reparar no que faço;
Busco o sítio aonde moras,
Suspendo defronte o passo.
Fito os olhos na janela
Aonde, Marília bela,
Tu chegas ao fim do dia;
Se alguém passa e te saúda,
Bem que seja cortesia,
Se acende na face a cor.

Que efeitos são os que sinto?
Serão os efeitos de Amor?

Se estou, Marília, contigo,
Não tenho um leve cuidado;
Nem me lembra se são horas
De levar à fonte o gado.

Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante
Finge um dia o meu desgosto^{lxxv};
Jamais, pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior^{lxxvi}.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?

Ando já com o juízo,
Marília, tão perturbado,
Que no mesmo aberto sulco
Meto de novo o arado.

Aqui no centeio pego,
Noutra parte em vão o sego;
Se alguém comigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
Noutra coisa tão diversa,
Que nexo não tem menor.
Que efeitos são os que sinto?
Serão os efeitos de Amor?

Se geme o bufo^{lxxvii} agoureiro,
Só Marília me desvela^{lxxviii},
Enche-se o peito de mágoa,
E não sei a causa dela.

Mal durmo, Marília, sonho
Que fero leão medonho
Te devora nos meus braços:
Gela-se o sangue nas veias,
E solto do sono os laços
À força da imensa dor.
Ah! que os efeitos que sinto
Só são efeitos de Amor^{lxxix}!

Lira XXII

Muito embora, Marília, muito embora
Outra beleza, que não seja a tua,
Com a vermelha roda, a seis^{lxxx} puxada,
Faça tremer a rua;

As paredes da sala, aonde habita,

Adorne a seda e o tremó^{lxxxix} dourado;
Pendão largas cortinas, pendão o lustre
Do teto apainelado,

Tu não habitarás palácios grandes,
Nem andarás no coches voadores;
Porém terás um vate que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;
E da pálida morte a mão tirana
Arrasa os edifícios dos Augustos,
E arrasa a vil^{lxxxii} choupana.

Que belezas, Marília, floresceram,
De quem nem sequer temos a memória!
Só podem conservar um nome eterno
Os versos ou a história.

Se não houvesse Tasso nem Petrarca,
Por mais que qualquer delas fosse linda,
Já não sabia o mundo se existiram
Nem Laura, nem Clorinda.

É melhor, minha Bela, ser lembrada
Por quantos hão de vir sábios humanos,
Que ter urcos^{lxxxiii}, ter coches e tesouros
Que morrem com os anos.

Lira XXIII

Num sítio ameno
Cheio de rosas,
De brancos lírios,
Murtas viçosas,

Dos seus amores
Na companhia,
Dirceu passava
Alegre o dia.

Em tom de graça,
Ao terno amante
Manda Marília
Que toque e cante.

Pega na lira,
Sem que a tempere^{lxxxiv},
A voz levanta
E as cordas fere.

Cos doces pontos^{lxxxv}
A mão atina,
E a voz iguala
À voz divina.

Ela, que teve
De rir-se a idéia,
Nem move os olhos,
De assombro cheia:

Então Cupido
Aparecendo,
À bela fala,
Assim dizendo:

“Do teu amado
A lira fias,
Só porque dele
Zombando rias?

Quando num peito
Assento faço,
Do peito subo
À língua e braço.

Nem creias que outro
Estilo tome,
Sendo eu o mestre,
A ação teu nome.”

Lira XXIV

Encheu, minha Marília, o grande Jove
De imensos animais de toda a espécie
 As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salobros^{lxxxvi}, rios,
 Dos negros, fundos mares.
 Para sua defesa,
A todos deu as armas, que convinha
 A sábia Natureza.

Deu as asas aos pássaros ligeiros,
Deu ao peixe escamoso as barbatanas;
 Deu veneno à serpente,
Ao membrudo elefante a enorme tromba,
 E ao javali o dente.
 Coube ao leão a garra;
Com leve pé saltando o cervo foge;
 E o bravo touro marra.

Ao homem deu as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas;
 Deu-lhe dedos ligeiros,
Que podem converter em seu serviço
 Os ferros e os madeiros;
 Que tecem fortes laços
E forjam raios, com que aos brutos cortam
 Os vôos, mais os passos.

Às tímidas donzelas pertenceram
Outras armas, que têm dobrada força:
 Deu-lhes a Natureza
Além do entendimento, além dos braços,
 As armas da beleza.
 Só ela^{lxxxvii} ao céu se atreve;
Só ela mudar pode o gelo em fogo,
 Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura
Quem arrancou da mão de Coriolano
 A cortadora espada.
Vejo que foi de Helena o lindo rosto,
 Quem pôs em campo, armada,
 Toda a força da Grécia.
E quem tirou o cetro aos reis de Roma?
 Só foi, só foi Lucrecia.

Se podem lindos rostos, mal suspiram,
O braço desarmar do mesmo Aquiles;
 Se estes rostos irados
Podem soprar o fogo da discórdia
 Em povos aliados,
 És árbitra da terra:
Tu podes dar, Marília, a todo o mundo
 A paz e a dura guerra.

Lira XXV

O cego Cupido um dia,
Com os seus gênios falava
Do modo que lhe restava
De cativar a Dirceu.
 Depois de larga disputa,
Um dos gênios mais sagazes
Este conselho lhe deu:

"As setas mais aguçadas,
Como se em rocha batessem,
Dão nos seus peitos e descem

Todas quebradas ao chão.
Só as graças de Marília
Podem vencer um tão duro,
Tão isento^{lxxxviii} coração.

A fortuna desta empresa
Consiste em armar-se o laço,
Sem que sinta ser o braço
Que lho prepara de Amor:
Que ele^{lxxxix} vive como as aves,
Que já deixaram as penas
No visco do caçador".

Na força deste conselho
O raivoso^{xc} deus sossega,
E à tropa a honra entrega
De o fazer executar.
Todos pretendem^{xc} ganhá-la;
Batem as asas, ligeiros,
E vão as armas buscar.

Os primeiros se ocultaram
Da deusa nos olhos belos;
Qual se enlaçou nos cabelos,
Qual^{xcii} às faces se prendeu.
Um amorinho cansado
Caiu dos lábios ao seio
E nos peitos se escondeu.

Outro gênio, mais astuto,
Este novo ardil alcança:
Muda-se numa criança
De divino parecer;
Esco quer ouvir falar.
Qual Ulisses noutra idade
Para iludir as sereias
Mandou tambores tocar^{xciii}.

Cupido, que a empresa via,
Julga o intento frustrado,
E de raiva transportado
O corpo no chão lançou.
Traçou a língua nos dentes;
Meteu as unhas no rosto
E os cabelos arrancou^{xciv}.

O gênio, que se escondia
Entre os peitos da pastora,
Ergueu a cabeça fora,
E o sucesso conheceu.

Deixa o sossego em que estava,
E vai ligeiro meter-se
No peito do bom Dirceu.

Apenas co brando peito
Lhe tocou a neve fria,
Com o calor que trazia
Lhe abrasou o coração.

Dá o pastor um suspiro,
Abre os seus olhos e solta
Do apertado ouvido a mão.

Logo que viram os gênios
Ao triste pastor disposto
Para ver o lindo rosto,
Para as palavras ouvir,
Cada um as armas toma,
Cada um com elas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabelos da deusa
Lhe forma um Cupido laços,
Que lhe seguram os braços,
Como se fossem grilhões.
O pastor já não resiste;
Antes beija, satisfeito,
As suas doces prisões.

Lira XXVI

O destro Cupido um dia
Extraiu mimosas cores
De frescos lírios e rosas,
De jasmins e de outras flores.

Com as mais delgadas penas
Usa de uma e de outra tinta,
E nos ângulos do cobre
A quatro belezas pinta.

Por^{xcv} fazer pensar a todos,
No seu liso centro escreve
Um letreiro que pergunta:
“Este espaço a quem se deve?”

Vênus, que viu a pintura
E leu a letra engenhosa,
Pôs por baixo: “Eu dele cedo^{xcvi};
Dê-se a Marília formosa.”

Lira XXVII

Alexandre, Marília, qual o rio,
Que engrossando no inverno tudo arrasa,
Na frente das coortes
Cerca, vence, abrasa
As cidades mais fortes.
Foi na glória das armas o primeiro;
Morreu na flor dos anos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não há poder algum que não abata,
Foi, Marília, somente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente^{xcvii}.
Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande César, cujo nome voa,
À sua mesma pátria a fé quebranta;
Na mão a espada toma,
Oprime-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.
Consegue ser herói por um delito;
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscrito.

O ser herói, Marília, não consiste
Em queimar os Impérios: move a guerra,
Espalha o sangue humano
E despova a terra
Também o mau tirano.
Consiste o ser herói em viver justo:
E tanto pode ser herói o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu é que sou herói, Marília bela,
Seguindo da virtude a honrosa estrada:
Ganhei, ganhei um trono,
Ah! não manchei a espada,
Não roubei ao dono!
Ergui-o no teu peito e nos teus braços;
E valem muito mais que o mundo inteiro
Uns tão ditosos laços.

Aos bárbaros, injustos vencedores
Atormentam remorsos e cuidados;
Nem descansam seguros

Nos palácios, cercados
De tropa e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sábia História,
A quem mudou o fado em negro opróbrio
A mal ganhada glória!

Eu vivo, minha bela, sim, eu vivo
Nos braços do descanso e mais do gosto:
Quando estou acordado,
Contemplo no teu rosto^{xcviii},
De graças adornado;
Se durmo, logo sonho e ali te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo, sobe
A mais o meu desejo!

Lira XXVIII

Cupido, tirando
Dos ombros a aljava,
Num campo de flores,
Contente, brincava.

E o corpo tenrinho
Depois, enfadado,
Incauto reclina
Na relva do Prado.

Marília formosa,
Que ao deus conhecia,
Oculta, espreitava
Quanto ele fazia.

Mal julga que dorme,
Se chega, contente,
As armas lhe furta,
E o deus a não sente.

Os Faunos, mal viram
As armas roubadas,
Saíram das grutas
Soltando risadas.

Acorda Cupido,
E a causa sabendo,
A quantos o insultam
Responde, dizendo:

“Temíeis as setas
Nas minhas mãos cruas^{xcix}!
Vereis o que podem
Agora nas suas.”

Lira XXIX

O tirano Amor risonho
Me aparece e me convida
Para que seu jugo aceite;
E quer que eu passe em deleite
O resto da triste vida.

“O sonoro Anacreonte
(Astuto o moço dizia)
Já perto da morte estava,
Inda de amores cantava;
Por isso alegre vivia.
Aos negros, duros pesares
Não resiste um peito fraco,
Se o amor o não fortalece;
O mesmo Jove carece
De Cupido e mais de Baco.”

Eu lhe respondo: “Perjuro,
Nada creio do que dizes,
Porque já te fui sujeito;
Inda conservo no peito
Estas frescas cicatrizes.

Se o mundo conhece males,
Tu os maiores fizeste;
Sim, tu a Tróia queimaste,
Tu a Cartago abrasaste,
E tu a Antônio^c perdeste.”

Amor, vendo que da oferta
Algum apreço não faço,
Me diz, afoito, que trate
De ir com ele a combate,
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas;
Cinjo primeiro que tudo
O brilhante arnês; e à pressa
Ponho um elmo na cabeça,
Tomo a lança e o grosso escudo.

Mal no campo me apresento,
Marília (oh, céus!) me aparece:
Logo que os olhos me fita,
O meu coração palpita,
A minha mão desfalece.

Então me diz o tirano:

“Confessa, louco, o teu erro:
Contra as armas da beleza
Não vale a externa defesa
Dessa armadura de ferro.”

Lira XXX

Junto a uma clara fonte
A mãe de Amor se sentou;
Encostou na mão o rosto,
No leve sono pegou.

Cupido, que a viu de longe,
Contente ao lugar correu;
Cuidando que era Marília,
Na face um beijo lhe deu.

Acorda Vênus irada:
Amor a conhece^{ci}; e então,
Da ousadia que teve
Assim lhe pede o perdão:

“Foi fácil, ó mãe formosa,
Foi fácil o engano meu;
Que o semblante de Marília
É todo o semblante teu.”

Lira XXXI

Minha Marília,
Se tens beleza,
Da Natureza
É um favor;
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
É só por graça
Do deus de amor,
Que, terno, inflama
A mente, o peito
Do teu pastor^{cii}.

Em vão se viram^{ciii}
Perlas^{civ} mimosas,
Jasmins e rosas
No rosto teu.
Em vão terias
Essas estrelas
E as tranças belas,
Que o céu te deu,
Se em doce verso

Não as cantasse
O bom Dirceu.

O voraz tempo
Ligeiro corre;
Com ele morre
A perfeição.
Essa, que o Egito,
Sábia, modera^{cv},
De Marco^{cvi} impera
No coração;
Mas já Otávio^{cvi}
Não sente a força
Do seu grilhão.

Ah! vem, ó bela,
E o teu querido,
Ao deus Cupido
Louvores dar!
Pois faz que todos
Com igual sorte
Do tempo e morte
Possam zombar:
Tu por formosa,
E ele^{cviii}, Marília,
Por te cantar.

Mas ai! Marília,
Que de um amante,
Por mais que cante,
Glória não vem!
Amor se pinta
Menino e cego;
No doce emprego
Do caro bem
Não vê defeitos,
E aumenta quantas
Belezas tem.

Nenhum dos vates,
Em teu conceito,
Nutriu no peito
Néscia paixão?
Todas aquelas
Que vês cantadas
Foram dotadas
De perfeição?
Foram queridas;
Porém formosas
Talvez que não.

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceu?
Tu tens, Marília,
Cantor celeste;
O meu Glauceste^{cix}
A voz ergueu:
Irá teu nome
Aos fins da terra,
E ao mesmo céu.

Quando nas asas
Do leve vento
Ao firmamento
Teu nome for,
Mostrando Jove
Graça extremosa,
Mudando a esposa^{cx}
De inveja a cor;
De todos há de,
Voltando o rosto,
Sorrir-se Amor.

Ah! não se manche
Teu brando peito
Do vil defeito
Da ingratidão!
Os versos beija,
Gentil pastora,
A pena adora,
Respeita a mão,
A mão discreta
Que te segura^{cx}
A duração.

Lira XXXII

Numa noite, sossegado,
Velhos papéis revolvia,
E, por ver^{cxii} de que tratavam,
Um por um a todos lia.

Eram cópias emendadas,
De quantos versos melhores
Eu compus na tenra idade
A meus diversos amores^{cxiii}.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas,

Leio excessos mal aceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo sem-razões^{cxiv} tamanhas,
Eu exclamo, transportado:
“Que finezas tão mal-feitas,
Que tempo tão mal passado!”

Junto pois num grande monte
Os soltos papéis, e logo,
Por que relíquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.
Então vejo que o deus cego,
Com semblante carregado,
Assim me fala e crimina^{cxv}
O meu intento acertado^{cxvi}:

“Queres queimar esses versos?
Dize, pastor atrevido,
Essas liras não te foram
Inspiradas por Cupido?

Achas que de tais amores
Não deve existir memória?
Sepultando esses triunfos,
Não roubas a minha glória?”

Disse Amor; e mal se cala,
Nos seus ombros a mão pondo,
Com um semblante sereno
Assim à queixa respondo:

“Depois, Amor, de me dares
A minha Marília bela,
Devo guardar umas liras
Que não são em honra dela?

E que importa, Amor, que importa
Que a estes papéis destrua?
Se é tua esta mão que os rasga,
Se a chama, que os queima é tua?”

Apenas^{cxvii} Amor me escuta,
Manda que os lance nas brasas;
E ergue a chama co vento
Que formou, batendo as asas.

Lira XXXIII

Pega na lira sonora,

Pega, meu caro Glauceste;
E ferindo as cordas de ouro,
Mostra aos rústicos pastores
A formosura celeste
De Marília, meus amores.

Ah! pinta, pinta
A minha bela,
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Que concurso^{cxviii}, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso!
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino;
E o teu canto sonoro
Também do seu rosto é dino^{cxix}.

Ah! pinta, pinta
A minha bela,
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta Natureza
Que providência não teve!
Criou no jardim as
A minha bela,
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita;
Passa o outros dotes, passa:
Pinta da vista e do riso
A modéstia mais a graça.

Ah! pinta, pinta
A minha bela,
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Pinta o garbo de seu rosto
Com expressões delicadas;
Os seus pés, quando passeiam,
Pisando ternos amores;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.

Ah! pinta, pinta
A minha bela,
E em nada a cópia

Se afaste dela.

Pinta mais, prezado amigo,
Um terno amante beijando
Suas douradas^{cxx} cadeias;
E, em doce pranto desfeito,
Ao monte e vale ensinando^{cxxi}
O nome que tem no peito.

Ah! pinta, pinta
A minha bela,
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Nem suspendas o teu canto,
Inda que, pastor, se veja
Que a minha boca suspira,
Que se banha em pranto o rosto;
Que os outros choram de inveja,
E chora Dirceu de gosto.

Ah! pinta, pinta
A minha bela,
E em nada a cópia
Se afaste dela.

PARTE II

Lira I^{cxxii}

Já não cinjo de louro^{cxxiii} a minha testa
Nem sonoras canções o deus me inspira.

Ah! que nem me resta
Uma já quebrada,
Mal sonora lira!

Mas neste mesmo estado em que me vejo,
Pede, Marília, Amor que vá cantar-te:

Cumpro o seu desejo;
E ao que resta supra
A paixão e a arte.

A fumaça, Marília, da candeia,
Que a molhada parede ou suja ou pinta,

Bem que tosca e feia,
Agora me pode
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta:

Ele me diz que faça no pé de uma
Má laranja ponta,
E dele me sirva

Em lugar de pluma.

Perder as úteis horas não, não devo;
Verás, Marília, uma idéia nova:
Sim, eu já te escrevo
Do que esta alma dita,
Quanto amor aprova.

Quem vive no regaço da ventura
Nada obra em te adorar, que assombro faça;
Mostra mais ternura
Quem te estima, e morre
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos belos,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabelos^{cxxiv}.

Vejo, Marília, sim; e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentes,
Dessa boca linda,
Nos ares espalham
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,
Responderei: "No peito", que uns Amores
De casto desejo
Aqui te pintaram,
E são bons pintores.

Mal meus olhos te viram, ah! nessa hora
Teu retrato fizeram, e tão forte,
Que entendo que agora
Só pode apagá-lo
O pulso da morte.

Isto escrevia, quando, oh! céus, que vejo!
Descubro a ler-me os versos o deus louro^{cxxv}:
Ah! dá-lhes um beijo,
E diz-me que valem
Mais que letras de ouro^{cxxvi}.

Lira II

Esprema a vil calúnia, muito embora,
Entre as mãos denegridas e insolentes,
Os venenos das plantas
E das bravas serpentes;

Chovam raios e raios, no meu rosto
Não hás de ver, Marília, o medo escrito,
O medo perturbado,
Que infunde o vil delito.

Podem muito, conheço, podem muito,
As fúrias infernais, que Pluto move^{cxxvii},
Mas pode mais que todas
Um dedo só de Jove.

Este deus converteu em flor mimosa,
A quem seu nome deram, a Narciso;
Fez de muitos os astros
Qu'inda no céu diviso^{cxxviii}.

Ele pode livrar-me das injúrias
Do néscio, do atrevido, ingrato povo;
Em nova flor mudar-me,
Mudar-me em astro novo.

Porém se os justos céus, por fins ocultos,
Em tão tirano mal me não socorrem,
Verás então que os sábios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo^{cxxix},
Tu, formosa Marília, bem o sabes:
Um coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

Lira III

Sucede, Marília bela,
À medonha noite o dia;
A estação chuvosa e fria
À quente, seca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos, nas primaveras
Brotam em flores, viçosos;
Nos invernos escabrosos
Largam as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marília, cortam
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,

Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto aflição.
Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Aos altos deuses moveram
Soberbos gigantes guerra;
No mais tempo o céu e a terra
Lhes tributa adoração.
Muda-se a sorte dos deuses;
Só a minha sorte não?

Há de, Marília, mudar-se
Do destino a inclemência;
Tenho por mim a inocência,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bela, que gasta
Os troncos, pedras e o cobre,
O véu rompe, com que encobre
À verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!
Não há de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não!

Lira IV

Já, já me vai, Marília, branquejando
Louro^{cxxx} cabelo, que circula a testa;
Este mesmo, que alveja, vai caindo
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas cores,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam;
As forças dos meus membros já se gastam;
Vou a dar pela casa^{cxxxix} uns curtos passos,
Pesam-me os pés e arrastam.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não pôs a mão dos anos;
Os trabalhos^{cxxxix}, Marília, os sentimentos
Fazem os mesmos danos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gosto^{cxxxix};
Verás brunir-se a pele, o corpo encher-se,
Voltar a cor ao rosto.

No calmoso^{cxxxix} verão as plantas secam;
Na primavera, que aos mortais encanta,
Apenas cai do céu o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença fez seu termo^{cxxxix},
Torna, Marília, a ser quem era dantes
O definhado enfermo.

Supõe-me qual doente, ou qual a planta,
No meio da desgraça que me altera:
Eu também te suponho qual saúde,
Ou qual a primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos astros luz e vida às flores,
Que efeitos não farão em quem por eles
Sempre morreu de amores?

Lira V

Os mares, minha bela, não se movem;
O brando norte assopra, nem diviso
Uma nuvem sequer na esfera^{cxxxix} toda;
O destro nauta aqui não é preciso;
Eu só conduzo a nau, eu só modero
Do seu governo a roda.

Mas ah! que o sul carrega^{cxxxix}, o mar se empola,
Rasga-se a vela, o mastaréu se parte!
Qualquer varão prudente aqui já teme;
Não tenho a necessária força e arte.
Corra o sábio piloto, corra e venha

Reger o duro leme.

Como sucede à nau no mar, sucede
Aos homens na ventura e na desgraça;
Basta ao feliz não ter total demência;
Mas quem de venturoso a triste^{cxxxviii} passa,
Deve entregar o leme do discurso^{cxxxix}
Nas mãos da sã prudência.

Todo o céu se cobriu, os raios chovem;
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah! não, não tardes, vem, Marília amada,
Toma o leme da nau, mareia o pano^{cxl},
Vai-a salvar no porto!

Mas ouço já de Amor as sábias vozes:
Ele me diz que sofra, se não, morro;
E perco então, se morro, uns doces laços.
Não quero já, Marília, mais socorro;
Oh! ditoso sofrer, que lucrar pode
A glória dos teus braços!

Lira VI

De que te queixas,
Língua importuna?
De que a fortuna
Roubar-te queira
O que te deu?
Este foi sempre
O gênio seu.

Levou, Marília,
A ímpia sorte
Catões à morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu^{cxli}.
Este foi sempre
O gênio seu.

A outros muitos,
Que vis^{cxlii} nasceram,
Nem mereceram,
A grandes tronos
A ímpia ergueu.
Este foi sempre
O gênio seu.

Espalha a cega

Sobre os humanos
Os bens e os danos,
E a quem se devam
Nunca escolheu.
 Este foi sempre
 O gênio seu.

A quanto é justo
Jamais se dobra;
Nem igual obra
Cos mesmos deuses
Do claro^{cxliii} céu.
 Este foi sempre
 O gênio seu.

Sobe ao céu Vênus
Num carro ufano;
E cai Vulcano
Da pura esfera
Em que nasceu.
 Este foi sempre
 O gênio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra e virtude:
Que o mais é dela,
Mas isto é meu.
 Este foi sempre
 O gênio seu.

Lira VII

Meu prezado Glauceste^{cxliv},
Se fazes o conceito^{cxlv}
Que, bem que réu, abrigo
A cândida virtude no meu peito;
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão socorro;
Ah! vem dar-mo agora,
Agora, sim, que morro!

Não quero que, montado
No Pégaso fegoso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspasar, raivoso.
Deixa que viva a pérfida calúnia
E forje o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Toma a lira dourada^{cxlvi},
E toca um pouco nela;
Levanta a voz celeste
Em parte que te escute a minha Bela;
Enche todo o contorno^{cxlvii} de alegria;
Não sofras que o desgosto
Afogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que um bom cantor havia,
Que os brutos amansava,
Que os troncos e os penedos atraía^{cxlviii}.
De outro destro cantor também afirma
A sábia antigüidade,
Que as muralhas erguera
De uma grande cidade^{cxlix}.

Orfeu as cordas fere:
O som delgado e terno
Ao Rei Plutão abranda,
E o deixa, que penetre o fundo Averno.
Ah! tu a nenhum cedas, meu Glauceste,
Na lira, e mais no canto;
Podes fazer prodígios,
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:
Que mais, que mais esperas?
Consola um peito aflito;
Que é menos ainda, que domar as feras.
Com isto me darás no meu tormento
Um doce lenitivo;
Que enquanto a Bela vive,
Também, Glauceste, vivo.

Lira VIII

Eu vejo, ó minha bela, aquele Nume
A quem o nome deram de Fortuna;
Pega-me pelo braço,
E com voz importuna
Me diz que mova o passo;
Que entre no grande templo, em que se encerra
Quanto o destino manda
Que ela obre sobre a terra.

Que coisas portentosas nele encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma;

Vejo-a queimar Cartago;
Vejo que as gentes doma;
E vejo o seu estrago.
Lá floresce o poder do assírio povo;
Aqui os medos^{cl} crescem,
E os perde um braço novo.

Então me diz a Deusa: “E que pretendes^{cli}?
Todas estas medalhas ver agora?
Ah! não, não sejas louco!
Espaço de anos fora
Para isso ainda pouco.
Deixa estranhos sucessos, vem comigo;
Verás quanto inda deve
Acontecer contigo.”

Levou-me aonde estava a minha história,
Que toda me explicou com modo^{clii} e arte.
“Tirei-te libras de ouro^{cliii}”,
Me diz, “e quero dar-te
Todo aquele tesouro^{cliv}.”
“Não suspira por bens um peito nobre”,
Severo lhe respondo,
“Vivo afeito a ser pobre.”

Aqui me enruga a deusa, irada, a testa,
E fica sem falar um breve espaço.
“Alegra, alegre o rosto”,
Prossegue, “ali te faço
Restituir o posto.”
Respondo em ar de mofa e tom sereno:
“Conheço-te, Fortuna,
Posso morrer pequeno.”

“Aqui te dou”, me diz, “a tua amada.”
Então me banho todo de alegria.
“Cuidei”, me torna a cega,
“Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega.”
“É esse o bem”, respondo, “que me move;
Mas este bem é santo,
Vem só da mão de Jove.”

Queria mais falar; eu, insofrido,
Desta maneira rompo os seus acentos:
“Basta, Fortuna, basta;
Estes breves momentos
Lá noutras coisas gasta;
Da minha sorte nada mais contemplo.”
E, chamando Marília,

Suspiro e deixo o templo.

Lira IX

A estas horas
Eu procurava
Os meus Amores;
Tinham-me inveja
Os mais pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos belos,
Sem flor nem fita
Nos seus cabelos.

Ah! que assim mesmo,
Sem compostura,
É mais formosa
Que a estrela d'alva,
Que a fresca rosa!

Mal eu a via,
Um ar mais leve
(Que doce efeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco^{clv} apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquele ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre,
No rio e fonte,
No prado e selva,
Água mais clara,
Mais branda relva.

No colo a punha;
Então, brincando,
A mim a unia;
Mil coisas ternas
Aqui dizia.

Marília, vendo
Que eu só com ela
É que falava,
Ria-se a furto

E disfarçava.

Desta maneira,
Nos castos peitos
De dia em dia
A nossa chama
Mais se acendia.

Ah! quantas vezes,
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rocas
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que à sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sesta,
Dela defronte,
Eu me entretinha,
Movendo o ferro
Da sanfoninha^{clvi}.

Ela, por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava;
Então, vaidoso,
Assim cantava:

“Não há pastora,
Que chegar possa
À minha bela,
Nem quem me iguale
Também na estrela.

Se amor concede
Que eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito.

Ornam seu peito
As sãs virtudes
Que nos namoram;^{clvii}
No seu semblante
As Graças moram.”

Assim vivia;
Hoje em suspiros
O canto mudo:
Assim, Marília,
Se acaba tudo.

Lira X

Arde o velho barril, arde a cabeça,
Em honra de João^{clviii} na larga rua;
O crédulo mortal agora indaga
Qual seja a sorte sua.

Eu não tenho alcachofra que à luz chegue
E nela orvalhe o céu de madrugada,
Para ver se rebentam novas folhas
Aonde foi queimada.

Também não tenho um ovo que despeje
Dentro dum copo d'água e possa nela
Fingir palácios grandes, altas torres,
E uma nau à vela.

Mas, ah! em bem me lembre: eu tenho ouvido
Que na boca um bochecho d'água tome,
E atrás de qualquer porta atento esteja,
Até ouvir um nome.

Que o nome que primeiro ouvir, é esse
O nome que há de ter a minha amada.
Pode verdade ser; se for mentira,
Também não custa nada.
Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena;
Despejo logo a boca: ah! não sei como
Não morro ali de pena!

Aparece Cupido; então, soltando
Em ar de zombaria uma risada:
“E que tal”, me pergunta, “esteve a peça?
Não foi bem pregada^{clix}?

Eu já te disse que Marília é tua;
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vais acreditar o que te ensina
Velha mulher já tonta?”

Humilde lhe respondo: “Quem debaixo
Do açoite da Fortuna aflito geme,
Nas mesmas coisas que só são brinquedos

Se agouram^{clx} males, teme.”

Lira XI

Se acaso não estou no fundo Averno^{clxi},
Padece, ó minha bela, sim, padece
O peito amante e terno
As aflições tiranas, que aos precitos
Arbitra Radamanto^{clxii}, em justa pena
Dos bárbaros delitos.

As Fúrias infernais rangendo os dentes,
Com a mão descarnada não me aplicam
As raivosas serpentes;
Mas cercam-me outros monstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil e mil cuidados.

Eu não gasto, Marília, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha^{clxiii};
Ou em mover a roda^{clxiv};
Mas tenho ainda mais cruel tormento:
Por coisas que me afligem, roda e gira
Cansado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
Às tépidas entranhas, não me come
Um abutre esfaimado^{clxv};
Mas sinto de outro monstro a crueldade:
Devora o coração, que mal palpita,
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos nem as águas vejo
Que de mim se retiram, quando busco
Fartar o meu desejo^{clxvi};
Mas quer, Marília, o meu destino ingrato
Que lograr-te^{clxvii} não possa, estando vendo
Nesta alma o teu retrato.

Estou no inferno, estou, Marília bela;
E numa coisa só é mais humana
A minha dura estrela:
Uns não podem mover do inferno os passos;
Eu pretendo^{clxviii} voar, e voar cedo
À glória dos teus braços.

Lira XII

Ah! Marília, que tormento
Não tens de sentir, saudosa!

Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma aldeia,
Que, tiranos^{clxix}, não proponham
À inda inquieta^{clxx} idéia
Uma imagem de aflição.
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando lewares, Marília,
Teu ledó rebanho ao prado,
Tu dirás: “Aqui trazia
Dirceu também o seu gado.”
Verás os sítios ditosos
Onde, Marília, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando à janela saíres,
Sem queres, descuidada,
Tu verás, Marília, a minha^{clxxi}
E minha pobre morada.
Tu dirás então contigo:
“Ali Dirceu esperava
Para me levar consigo;
E ali sofreu a prisão.”
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
Do caro Glauceste a choça^{clxxii},
Onde alegres se juntavam
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás, de mágoa cheia:
“Todo o congresso^{clxxiii} ali anda,
Só o meu amado não^{clxxiv}.”
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com ele
Caminhar emparelhado,
Tu dirás: “Não foi tirana
Somente comigo a sorte;
Também cortou, desumana,
A mais fiel união.”

Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Numa masmorra metido,
Eu não vejo imagens destas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem, separadas
Dos inchados, roxos olhos,
Estão, que é mais, retratadas
No fundo do coração.

Também mando aos surdos deuses
Tristes suspiros em vão.

Lira XIII

Vês, Marília, um cordeiro
De flores enramado,
Como alegre caminha
A ser sacrificado?
O povo para templo já concorre;
A pira sacrossanta já se acende;
O ministro o fere: ele bala e morre^{clxxv}.

Vês agora o novilho,
A quem segura o laço?
No chão as mãos espedaça,
Nem quer mover um passo.
Não conhece que sai de um mau terreno,
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver num campo ameno.

Ignora o bruto como
Lhe dispomos a sorte:
Um vai forçado à vida,
Vai outro alegre à morte.
Nós temos, minha bela, igual demência:
Não sabemos os fins com que nos move
A sábia, oculta mão da Providência.

De Jacó^{clxxvi} ao bom filho
Os maus matar quizeram;
De conselho mudaram:
Como escravo o venderam.
José não corre a ser um servo aflito:
Vai subindo os degraus, por onde chega
A ser um quase rei no grande Egito.

Quem sabe se o Destino
Hoje, ó bela, me prende.

Só porque nisto de outros
Mais danos me defende?
Pode ainda raiar um claro dia;
Mas quer raie, quer não, ao céu adoro
E beijo a santa mão que assim me guia.

Lira XIV

Alma digna de mil avós augustos!^{clxxvii}
Tu sentes, tu soluças,
Ao ver cair os justos;
Honras as santas leis da Humanidade;
E os teus exemplos deve
Gravar com letras de ouro^{clxxviii} no seu templo
A cândida amizade.
Não é, não é de herói uma alma forte,
Que vê com rosto enxuto
No seu igual a morte.
Não é também de herói um peito duro,
Que a sua glória firma
Em que lhe não resiste ao ferro e fogo
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto o ousado chefe me namora^{clxxix},
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeu e chora^{clxxx}!
É grande para mim quem move os passos,
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar pudera,
Recebe nos seus braços^{clxxxi}.

Se alcança Enéias, capitão piedoso,
Entre os heróis do mundo
Um nome glorioso,
Não é porque levanta uma cidade;
É, sim, porque nos ombros
Salvou a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu falo, és tu, Marília bela.
Ah! sim, honrado amigo,
Se enxugar não puderes os seus olhos,
Pranteia então com ela.

Lira XV

Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro,
Fui honrado pastor da tua aldeia;
Vestia finas lãs e tinha sempre
A minha choça^{clxxxii} do preciso cheia.
Tiraram-me o casal^{clxxxiii} e o manso gado,

Nem tenho a que me encoste um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria
De mor rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabelos
Ainda muito mais que um grande trono.
Agora que te oferte já não vejo,
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuízo,
Eu alegre ficava, apenas via
Na tua breve boca um ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sesta,
Escrever teus louvores nos olmeiros^{clxxxiv},
Toucar-te de papoulas^{clxxxv} na floresta.
Julgou o justo céu que não convinha
Que a tanto grau subisse a glória minha.

Ah! minha bela, se a Fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço e provo,
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo,
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar no céu a Jove e a ti na terra!

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho^{clxxxvi},
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de um bom rebanho.
Para o contágio lhe não dar, sobeja
Que as afague Marília, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs e peles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As peles dos cordeiros mal curtidas
E os panos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mão cosido^{clxxxvii}.

Nós iremos pescar na quente sesta
Com canas e com cestos os peixinhos;
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o verão sábio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
Cos filhos, se os tivermos, à fogueira^{clxxxviii}:
Entre as falsas histórias que contares,
Lhes contarás a minha, verdadeira.
Pasmados te ouvirão; eu, entretanto,
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostrarão co dedo os mais pastores,
Dizendo uns para os outros: “Olha os nossos
Exemplos da desgraça, e são amores.”
Contentes viveremos desta sorte,
Até que chegue a um dos dois a morte.

Lira XVI

Vejo, Marília,
Que o nédio gado
Anda disperso
No monte e prado;
Que assim sucede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu pastor.
Mas inda sofro
A viva dor.

Também conheço
Que os pegureiros
Que apascentavam
Os meus cordeiros
Darão suspiros,
E verdadeiros,
Porque perderam
Um pai no amor.
Mas inda sofro
A viva dor.

Eu mais alcanço^{clxxxix}
Que a minha herdade,
Estando eu preso,
Sofrer não há de
Nem a charrua
E nem a grade,
Que a mão lhe falta
Do lavrador.
Mas inda sofro
A viva dor.

Mas quando sobe

À minha idéia
Que tu ficaste
Lá nessa aldeia,
De mil cuidados
E mágoa cheia,
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não sofro
A viva dor.

A quanto chega
A pena forte!
Pesa-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove acuso,
Maldigo a sorte,
Trato a Cupido
Por um traidor.
Eu já não sofro
A viva dor.

Mas este excesso
Perdão merece,
E dele Jove
se compadece:
Que Jove, ó bela,
Mui bem conhece
Aonde chega
Paixão de amor.
Eu já não sofro
A viva dor.

Lira XVII

Dirceu te deixa, ó bela,
De padecer cansado;
Frio suor já banha
Seu rosto descorado;
O sangue já não gira pela veia;
Seus pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se baceia:
A lágrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspira e morre.

Seu espírito chega
Onde se pune o erro:
Late o cão e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos juízes se apresenta,
E com sentidas vozes
Toda a sua tragédia representa:

Enche-se de ternura e novo espanto
O mesmo inexorável Radamanto^{cxc}.

Abre um, pasmado, a boca,
E a pedra não despede^{cxcⁱ};
Outro já não se lembra
Da fome e mais da sede^{cxcⁱⁱ};
Descansa o curvo bico e a garra impia
Negro abutre esfaimado^{cxcⁱⁱⁱ};
Nem na roca medonha a Parca fia.
Até as mesmas Fúrias inclementes
Deixam cair das unhas as serpentes.

Já votam os juízes;
E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o sítio, em que ficam
Almas dignas de pena.
Já sai do escuro reino, e da memória
Lhe passa tudo quanto
Ou pode dar-lhe mágoa, ou dar-lhe glória;
Só, bem que o gosto as turvas águas tome,
Inda, Marília, inda diz teu nome.

Entra já nos Elísios,
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortam,
Que cobrem sempre as rosas.
Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as águas puras,
Que o mel e do que o leite mais suaves.
“Aqui”, diz ele, “espero a minha bela,
Aqui contente viverei com ela.”

Aqui... Porém aonde
Me leva a dor ativa?
É ilusão desta alma;
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo, sim, gozar teus doces laços;
E em paga de meus males,
Devo morrer, Marília, nos teus braços;
Então eu passarei ao reino amigo,
E tu irás depois^{cxc^{iv}} lá ter comigo.

Lira XVIII

Não molho, Marília,
De pranto a masmorra
Que^{cxc^v} o terno Cupido
Não voe não corra
A i-lo apanhar.

Estende-o nas asas,
Sobre ele suspira,
Por fim se retira,
E vai-to levar.

Se o moço não mente,
Aos tristes gemidos,
Aos ais lastimosos
Não guardes unidos,
Marília, cos teus;
As lágrimas nossas
No seio amontoa,
Forma asas e voa,
Vai pô-las nos céus.

A Deusa formosa,
Que amava aos troianos^{cxcvi},
Livrá-los querendo
De riscos e danos,
A Jove buscou.
As águas que o rosto
Da deusa banharam
A Jove abrandaram
e assim os salvou.

Confia-te, ó bela,
Confia-te em Jove;
Ainda se abranda,
Ainda se move
Com ânsias de amor.
O pranto de Vênus,
Que obrou no pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.

Lira XIX

Nesta triste masmorra,
De um semivivo corpo sepultura,
Inda, Marília, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéia te retrata;
Busca, extremoso, que eu assim resista
À dor imensa que me cerca e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto e escuto
A tua voz e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos:

Eu beijo a tibia luz em vez de face
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a ilusão minha;
A violência da mágoa não suporto;
Foge-me a vista e caio,
Não sei se vivo ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto;
Reclina-me no peito, e, com mão terna,
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois^{cxcvii} que represento
Por largo espaço a imagem de um defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem consigo;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo:

“Se queres ser piedoso,
Procura o sítio em que Marília mora,
Pinta-lhe o meu estrago,
E vê, Amor, se chora.
Se a lágrimas verter a dor a arrasta^{cxcviii},
Uma delas me traz sobre as penas,
E para alívio meu só isto basta.”

Lira XX

Se me viras com teus olhos
Nesta masmorra metido,
De mil idéias funestas
E cuidados combatido,
Qual seria, ó minha bela,
Qual seria o teu pesar!

À força da dor cedera,
E nem estaria vivo,
Se o menino deus vendado,
Extremoso e compassivo,
Com o nome de Marília
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio-dia tem dado
E o cabelo ainda flutua
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor^{cxcix}, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: “E Marília
Não estima este cabelo?
Se o deixas perder de todo,
Não se há de enfadar ao vê-lo?”
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabelo atar.

Vem um tabuleiro entrando
De vários manjares cheio;
Põe-se na mesa a toalha
E eu pensativo passeio;
De todo o comer esfria,
Sem nele poder tocar.

“Eu entendo que matar-te”,
Diz amor, “te tens proposto.
Fazes bem: terá Marília
Desgosto sobre desgosto.”
Qual enfermo co remédio,
Me aflijo, mas vou jantar.

Chegam as horas, Marília,
Em que o sol já se tem posto;
Vem-me à memória que nelas
Vi à janela o teu rosto:
Reclino na mão a face
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: “Já basta,
Já basta, Dirceu, de pranto;
Em obséquio de Marília
Vai erguer teu doce canto.”
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o forçado acender-me
A velha, suja candeia:
Fica, Marília, a masmorra
Ainda mais triste e feia.
Nem mais canto, nem mais posso
Uma só palavra dar.

Diz-me Cupido: “São horas
De escrever-se o que está feito.”
Do azeite e da fumaça
Uma nova tinta ajeito;
Tomo o pau, que pena finge,
Vou as liras copiar.

Sem que chegue o leve sono,

Canta o galo a vez terceira;
Eu digo ao Amor que fico
Sem deitar-me a noite inteira;
Faço mimos e promessas
Para ele me acompanhar.

Ele diz que em dormir cuide,
Que hei de ver Marília em sonho;
Não respondo uma palavra;
A dura cama componho,
Apago a triste candeia,
E vou-me logo deitar.

Como pode a tais cuidados
Resistir, ó minha bela,
Quem não tem de Amor a graça,
Se eu, que vivo à sombra dela,
Inda vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar?

Lira XXI

Que diversas que são, Marília, as horas
Que passo na masmorra imunda, e feia,
Dessas horas felizes, já passadas
Na tua pátria aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste;
E à sombra de alto Cedro na campina
Eu versos te compunha, e ele os compunha
À sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;
De exceder um ao outro qualquer trata;
O eco agora diz: “Marília terna”;
E logo: “Eulina ingrata”.

Deixam os mesmos Sátiros as grutas.
Um para nós ligeiro move os passos;
Ouve-nos de mais perto, e faz a flauta
Cos pés em mil pedaços.

“Dirceu”, clama um pastor, “ah! bem merece
Da cândida Marília a formosura.”
“E aonde”, clama o outro, “quer Eulina
Achar maior ventura?”

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,
Enquanto em nós durava esta porfia;
E ela, ó minha amada, só findava

Depois de acabar-se o dia^{cc}.

À noite te escrevia na cabana
Os versos que de tarde havia feito;
Mal tos dava, e os lia, os guardavas
No casto e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lágrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento;
Eu agora, Marília, não as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

Lira XXII

Por morto, Marília,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado
E duro grilhão.
Mas ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

A chave lá soa
No porta segura:
Abre-se a escura
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Já Torres^{cci} se assenta;
Carrega-me o rosto;
Do crime suposto
Com mil artifícios
Indaga a razão.
Mas ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

Eu vejo, Marília,
A mil inocentes,
Nas cruces pendentes,
Por falsos delitos

Que os homens lhes dão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

Se penso que posso
Perder o gozar-te,
E a glória de dar-te
Abraços honestos,
E beijos na mão,
Marília, já treme,
Já treme de susto
O meu coração!

Repara, Marília,
O quanto é mais forte
Ainda que a morte,
Num peito esforçado,
De amor a paixão.
Marília, já treme,
Já treme de susto
O meu coração!

Lira XXIII

Não praguejes, Marília, não praguejes
A justiceira mão, que lança os ferros;
Não traz de balde a vingadora espada;
Deve punir os erros.

Virtudes de juiz, virtudes de homem
As mãos se deram e em seu peito moram.
Manda prender ao réu austera a boca,
Porém seus olhos choram.

Se à inocência denigre a vil calúnia,
Que culpa aquele tem, que aplica a pena?
Não é o julgador, é o processo
E a lei, quem nos condena.

Só no Averno^{ccii} os juízes não recebem
Acusação nem prova de outro humano;
Aqui^{cciii} todos confessam suas culpas,
Não pode haver engano.

Eu vejo as Fúrias afligindo aos tristes:
Uma o fogo chega, outra as serpes move^{cciv};
Todos maldizem sim a sua estrela,
Nenhum acusa a Jove.

Eu também inda adoro^{ccv} ao grande chefe,
Bem que a prisão me dá, que eu não mereço.
Qual eu sou, minha Bela, não me trata,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marília, quando pune
Ao vassalo que julga delinqüente,
Que gosto não terá, podendo dar-lhe
Às honras de inocente?

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos
Nas sãs virtudes, que no peito abrigas:
Não honras tão-somente a quem premeias,
Honras a quem castigas.

Lira XXIV

Eu vou, Marília, vou brigar coas feras!
Uma soltaram, eu lhe sinto os passos;
Aqui, aqui a espero
Nestes despidos braços.
É um malhado tigre; a mim já corre,
Ao peito o aperto, estalam-lhe as costelas,
Desfalece, cai, urra, treme, e morre.

Vem agora um leão: sacode a grenha,
Com faminta paixão a mim se lança;
Venha embora, que o pulso
Ainda não se cansa.
Oprimo-lhe a garganta, a língua estira,
O corpo lhe fraqueia, os olhos incham,
Açoita o chão, convulso, arqueja e expira.

Mas que vejo, Marília! Tu te assustas?
Entendes que os destinos, inumanos,
Expõem a minha vida
No circo^{ccvi} dos Romanos?
Com ursos e com onças eu não luto:
Luto co bravo monstro, que me acusa,
Que os tigres e leões mais fero e bruto.

Embora contra mim, raivoso, esgrima
Da vil calúnia a cortadora espada,
Uma alma qual eu tenho
Não se receia a nada.

Eu hei de, sim, punir-lhe a insolência,
Pisar-lhe o negro colo, abrir-lhe o peito
Coas armas invencíveis da inocência.

Ah! quando imaginar, que vingativo
Mando que desça ao Tártaro profundo,
Hei de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo imundo.
Eu então lhe direi: “Infame, indino^{ccvii},
Obras como costuma o vil humano;
Faço o que faz um coração divino.”

Lira XXV

Minha Marília,
O passarinho,
A quem roubaram
Ovos e ninho,
Mil vezes pausa
No seu raminho;
Piando finge
Que anda a chorar.
Mas logo voa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se acaso a vaca
Perde a vitela,
Também nos mostra
Que se desvela:
O pasto deixa,
Muge por ela,
Até na estrada
A vem buscar.
Em poucos dias,
Ao que parece,
Dela se esquece
E vai pastar.

O voraz tempo,
Que o ferro come,
Que aos mesmos reinos
Devora o nome,
Também, Marília,
Também consome
Dentro do peito
Qualquer pesar.
Ah! só não pode
Ao meu tormento
Por um momento
Alívio dar!

Também, ó bela,

Não há quem viva
Instantes breves
Na chama ativa;
Derrete ao bronze,
Sendo excessiva,
Ao mesmo seixo
Faz estalar.

Mas do amianto
A febra^{ccviii} dura
Na chama atura
Sem se queimar.

Também, Marília,
Não há quem negu,
Que, bem que o fogo
Nos óleos pegue,
Que, bem que em línguas
Às nuvens chegue,
À força d'água
Se há de apagar.

Se a negra pedra
Nós acendemos,
Com água a vemos
Mais s'inflamar.

O meu discurso,
Marília, é reto;
A pena iguala
Ao meu afeto;
O amor que nutro
Ao teu aspecto
E ao teu semblante
É singular.

Ah! nem o tempo,
Nem inda a morte
A dor tão forte
Pode acabar!

Lira XXVI

Aquele, a quem fez cego a Natureza,
Co bordão palpa, e aos que vêm pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dois remédios junta!

De ser cega a Fortuna eu não me queixo,
Sim me queixo de que má cega seja:
Cega que nem pergunta nem apalpa,
É porque errar deseja.

A quem não tem virtudes nem talentos,
Ela, Marília, faz de um cetro dono;
Cria num pobre berço uma alma digna
De se sentar num trono.

A quem gastar não sabe nem se anima
Entrega as grossas chaves de um tesouro^{ccix};
E lança na miséria a quem conhece
Para que serve o ouro^{ccx}.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa
Que atrás do vício em liberdade corra;
Eu honro as leis do Império, ela me oprime
Em esta vil masmorra^{ccxi}.

Mas ah! minha Marília, que esta queixa
Coa sólida razão se não coaduna!
Como me queixo da Fortuna tanto,
Se sei não há Fortuna?

Os fados, os destinos, essa deusa
Que os sábios fingem que uma roda move,
É só a oculta mão da Providência,
A sábia mão de Jove.

Nós é que somos cegos, que não vemos
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins veredas^{ccxii}
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas;
Co seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bela,
É muito mais honroso.

Lira XXVII

A minha amada
É mais formosa
Que branco lírio,
Dobrada rosa,
Que o cinamomo,
Quando matiza
Coa folha a flor.
Vênus não chega
Ao meu amor.

Vasta campina,
De trigo cheia,
Quando na sesta

Co vento ondeia,
Ao seu cabelo,
Quando flutua,
Não é igual.
Tem a cor negra
Mas quanto val^{ccxiii}!

Os astros, que andam
Na esfera pura,
Quando cintilam
Na noite escura,
Não são, humanos,
Tão lindos como
Seus olhos são,
Que ao sol excedem
Na luz que dão.

Às brancas faces
Ah! não se atreve
Jasmim de Itália^{ccxiv},
Nem inda a neve,
Quando a desata
O sol brilhante
Com seu calor.
São neve, e causam
No peito ardor.

Na breve boca
Vejo enlaçadas
As finas perlas^{ccxv}
Com as granadas;
A par dos beijos^{ccxvi},
Rubins da Índia
Têm preço vil.
Neles se agarram
Amores mil.

Se não lhe desse,
Compadecido,
Tanto socorro
O deus Cupido;
Se não vivera
Uma esperança
No peito seu,
Já morto estava
O bom Dirceu.

Vê quanto pode
Teu belo rosto,,
E de gozá-lo

O vivo gosto!
Que, submergido^{ccxvii}
Em um tormento
Quase infernal,
Porqu'inda espero,
Resisto ao mal.

Lira XXVIII

Detém-te, vil humano;
Não espremas cicutas
Para fazer-me dano.
O sumo que elas dão é pouco forte:
Procura outras bebidas
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajunta aí venenos
Que nunca visse o mundo;
Traz o negro licor, que têm nos dentes,
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que pôs a Natureza
Dentro no mar salgado^{ccxviii},
Não se abala no meio da tormenta,
Bem que uma onda e outra onda
Sobre ele em flor rebenta^{ccxix}.

Árvore, que na terra
As robustas raízes,
Buscando o centro, aferra^{ccxx},
Não teme ao furacão mais violento;
E menos, se se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco e rocha, ó bela,
Que açoita o Sul, que brama,
E o mar que se encapela.
Não temas que do rosto a cor se mude;
Vence as rochas e os troncos
A sólida virtude.

A maior desventura
É sempre a que nos lança
No horror da sepultura;
O cobarde a morrer também caminha;
Com que males não pode
Uma alma como a minha?

Lira XXIX

Eu descobro procurar-me
Gentil mancebo e louro^{ccxxi};
Trazia a testa adornada,
Com folhas de verde louro^{ccxxii}.
Vejo ser o pai das Musas^{ccxxiii},
E me entrega a lira d'ouro^{ccxxiv}.

“Já basta”, me diz, “ó filho,
Já basta de sentimento;
O cansado peito exige
Um breve contentamento:
Louva a formosa Marília
Ao som do meu instrumento.”

Firo as cordas; mas que importa?
A dor não sossega entanto:
Ergo a voz; então reparo
Que, quanto mais corre o pranto,
É mais doce, e mais sonoro
Meu terno, e saudoso canto.

Apolo fitou os olhos
Na mão que regia o braço;
E depois de estar suspenso,
De me ouvir um largo espaço,
Assim diz: “O Deus Cupido,
“Faz inda mais, do que eu faço.”

“Eu te dou a minha lira:
Louva, louva a tua Bela;
Porém vê que ta concedo
Com condição, e cautela...”
Eu lhe corto a voz dizendo,
Que só canto em honra dela.

Lira XXX

O Pai das Musas,
O pastor louro^{ccxxv}
Deu-me, Marília,
Para cantar-te
A lira de ouro^{ccxxvi}.

As cordas firo;
O brando vento
Teus dotes leva
Nas brancas asas
Ao firmamento.

“O teu cabelo
Vale um tesouro^{ccxxvii};
Um só me adorna
A sábia frente^{ccxxviii}
Melhor que o louro^{ccxxix}.”

Nesses teus olhos
Amor assiste;
Deles faz guerra;
Ninguém lhe foge,
Ninguém resiste.

Algumas vezes
Eu o diviso,
Também oculto
Nas lindas covas
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos
Têm os seus ninhos
Destros amores;
Neles se geram
Os Cupidinhos.

Vences a Vênus,
Quando com arte
As armas toma,
Por que^{ccxxx} mais prenda
Ao fero Marte.”

Eu produzia
Estas idéias,
Quando, Marília,
O som escuto
Das vis cadeias.

Dou um suspiro,
Corre o meu pranto;
E, inda bebendo
Lágrimas tristes,
De novo canto:

“Sou da constância
Um vivo exemplo:
E vós, ó ferros,
Honrareis inda
De Amor o templo^{ccxxxi}.”

Lira XXXI

Roubou-me, ó minha amada, a sorte impia
Quanto de meu gozava
Num só funesto dia:

Honras de maior al, manada grossa,
Fértil, extensa herdade,
Bem reparada choça.

Meteu-se nesta infame sepultura,
Que é sepulcro sem honras,
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha amada, nem consigo
Venha outro desgraçado
Sentir também comigo.

Mas esta companhia não mereço,
Os deuses me dão outra,
Inda de mais apreço.

Não é, não, ilusão o que te digo;
Tu mesma me acompanhas;
Peno, mas é contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabelos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera,
Bem que subira ao potro^{ccxxxii}
Bem que na cruz pendera.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
Às vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras belas;
Uma por uma beijo,
E choro então sobre elas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor, na ausência
Será leal e fino.

De novo a carta ao coração aperto,
De novo a molha o pranto,
Que de ternura verto.

Ah! leve muito embora o duro fado
A tudo quanto tenho
Com meu suor ganhado!

Eu juro que do roubo nem me queixe,
Contanto, ó minha cara,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntários não subiram,
Os que te amam, somente
Por que [ao] menos te ouviram?^{ccxxxiii}

Dê pois aos mais seus bens a deusa cega^{ccxxxiv};
Que eu tenho aquela glória,
Que a mil felizes nega.

Lira XXXII

Se o vasto mar se encapela
E na rocha em flor rebenta^{ccxxxv},
Grossa nau, que não tem leme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga e corre
À discrição da tormenta.

Quem não tem uma beleza
Em que ponha o seu cuidado,
Se o Céu se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças que resistam
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marília, vivo,
Encosto na mão o rosto,
Fico às vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pesar ativo!

Parece que vejo a honra,
Marília, toda enlutada;
A face de um pai, rugosa,
Num mar de pranto banhada;
Os amigos macilentos
E a família consternada.

Quero voltar aos meus olhos
Para outro diverso lado:
Vejo numa^{ccxxxvi} grande praça
Um teatro levantado;

Vejo as cruzes, vejo os potros^{ccxxxvii},
Vejo o alfanje afiado.

Um frio suor me cobre,
Lassam-se os membros, suspiro;
Busco alívio às minhas ânsias,
Não o descobro, deliro.
Já , meu bem, já me parece
Que nas mãos da morte expiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes cristalinos,
A tua boca engraçada^{ccxxxviii}.

Qual, Marília, a estrela d'alva,
Que a negra noite afugenta;
Qual o sol, que a névoa espalha,
Apenas a terra aqueça;
Ou qual Íris^{ccxxxix}, que o céu limpa,
Quando se vê na tormenta,

Assim, Marília, desterro
Triste ilusão e demência;
Faz de novo o seu ofício
A razão e a prudência;
E firmo esperanças doces
Sobre a cândida inocência.

Restauro as forças perdidas,
Sobe a viva cor ao rosto,
Gira o sangue pela veia
E bate o pulso, composto.
Vê, Marília, o quanto pode
Contra meus males teu rosto!

Lira XXXIII

Morri, ó minha bela:
Não foi a Parca impia^{ccxl},
Que na tremenda roca,
Sem ter descanso, fia;
Não foi, digo, não foi a morte feia
Quem o ferro moveu, e abriu no peito
A palpitante veia.

Eu, Marília, respiro;
Mas o mal que suporto

É tão tirano e forte
Que já me dou por morto:
A insolente calúnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da língua
A venenosa espada.

Inda, ó bela, não vejo
Cadafalso enlutado,
Nem de torpe verdugo
Braço de ferro armado;
Mas vivo neste mundo, ó sorte impia!
E dele só me mostra a estreita fresta
O quando é noite ou dia.

Olhos baços, sumidos,
Macilento, escarnado^{ccxli},
Barba crescida e hirsuta,
Cabelo desgrenhado;
Ah! que imagem tão digna de piedade!
Mas é, minha Marília, como vive
Um réu de Majestade.

Venha o processo, venha,
Na inocência me fundo;
Mas não morreram outros
Que davam honra ao mundo?
O tormento, minha alma, não recuses:
A quem, sábio, cumpriu as leis sagradas
Servem de sólio as cruzes.

Tu, Marília, se ouvires
Que ante o teu rosto aflito
O meu nome se ultraja
Co suposto delito,
Dize, severa, assim em meu abono:
“Não toma as armas contra um cetro justo
Alma digna de um trono.”

Lira XXXIV

Vou-me, ó bela, deitar na dura cama,
De que nem sequer sou o pobre dono;
Estende sobre mim Morfeu^{ccxlii} as asas
E vem ligeiro o sono.

Os sonhos, que rodeiam a tarimba^{ccxlili},
Mil coisas^{ccxliv} vão pintar na minha idéia;
Não pintam cadafalsos, não, não pintam
Nenhuma imagem feia.

Pintam que estou bordando um teu vestido^{ccxlv};
Que um menino com asas, cego e louro^{ccxlv},
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio de ouro^{ccxlvii}.

Pintam que entrando vou na grande igreja;
Pintam que as mãos nos damos, e aqui vejo
Subir-te à branca face a cor mimosa,
A viva cor do pejo.

Pintam que nos conduz dourada^{ccxlviii} sege
À nossa habitação; que mil Amores
Desfolham sobre o leito as moles folhas^{ccxlix}
Das mais cheirosas flores.

Pintam que dessa terra^{cc} nos partimos;
Que os amigos, saudosos e suspensos,
Apertam nos inchados, roxos olhos
Os já molhados lenços.

Pintam que os mares sulco da Bahia,
Onde passei a flor da minha idade;
Que descubro as palmeiras, e em dois bairros
Partidas a grã cidade.

Pintam leve escaler e que na prancha
O braço já te ofereço, reverente;
Que te aponta co dedo, mal te avista,
Amontoada gente.

Aqui, "Alerta!" grita o mau soldado;
E o outro, "Alerta estou!" lhe diz gritando:
Acordo com a bulha..., então conheço
Que estava aqui sonhando.

Se o meu crime não fosse só de amores,
A ver-me delinquente, réu de morte,
Não sonhara, Marília, só contigo,
Sonhara de outra sorte.

Lira XXXV

Se lá te chegarem
Aos ternos ouvidos
Uns tristes gemidos,
Repara, Marília,
Verás que são meus.
Ah! dá-lhes abrigo,
Marília, nos peitos;
Aqui os conserva

Em laços estreitos,
Unidos aos teus.

O vento ligeiro,
De ouvi-los movido,
Os pede a Cupido,
Que a todos apanha,
E lá tos vai pôr.

Ah! não os desprezes,
Porque se conspira
O céu em meu dano,
E a glória me tira
De honrado pastor.

Têm estes suspiros
Motivo dobrado:
Perdi o meu gado;
Perdi, que mais vale,
O bem de te ver.

Se os não receberes,
Amante por ora,
Por serem de um triste,
Os deves, pastora,
Por honra acolher.

Virá, minha bela,
Virá uma idade,
Que, vista a verdade,
Gostosa^{ccli} me entregues
O teu coração.

Os crimes desonram,
Se são existentes;
Os ferros que oprimem
As mãos inocentes
Infames não são.

Chegando este dia,
Os braços daremos:
Então mandaremos
De gosto e ternura
Suspiros aos céus.

Pôr-me-ão no sepulcro
A honrosa inscrição:
“Se teve delito,
Só foi a paixão,
Que a todos faz réus.”

Lira XXXVI

Não hás de ter horror, minha Marília,

De tocar pulso que sofreu os ferros:
Infames impostores mos lançaram,
E não puníveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi uma vez, não foi só uma,
Que em defesa dos bens, que são do Estado,
Moveu a sábia pluma.

É certo, minha amada, sim é certo
Qu'eu aspirava a ser de um reino o dono;
Mas este grande império, que eu firmava,
Tinha em teu peito o trono.

As forças que se opunham não batiam
De grossa peça, de mosquete os tiros;
Só eram minhas armas os soluços,
Os rogos e os suspiros.

De cuidados, desvelos e finezas
Formava, ó minha bela, os meus guerreiros;
Não tinha no meu campo estranhas tropas,
Que amor não quer parceiros.

Mas pode ainda vir um claro dia
Em que estas vis algemas, estes laços
Se mudem em prisões, de alívios cheias,
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: “Eu sou monarca;
Dou leis, que é mais, num coração divino.
Sólio que ergueu o gosto e não a foça,
“É que é de apreço dino”^{ccliii}.”

Lira XXXVII

Meu sonoro passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Um doce contentamento,

Ah! não cantes mais, não cantes,
Se me queres ser propício;
Eu te dou em que me faças
Muito maior benefício:

Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o Porto da Estrela,
Sobe à serra e, se cansares,
Descansa num tronco dela.

Toma de Minas e,
Suas faces cor-de-rosa,
Numa palavra, a que vires
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Dize que sou quem te mando,
Que vivo nesta masmorra,
Mas sem alívio penando.

Lira XXXVIII^{ccliii}

Eu vejo aquela deusa,
Astréia^{ccliv} pelos sábios nomeada;
Trás nos olhos a venda,
Balança numa mão, na outra espada.
O vê-la não me causa um leve abalo,
Mas antes, atrevido,
Eu a vou procurar e assim lhe falo:

"Qual é o povo, dize,
Que comigo concorre no atentado?
Americano povo?
O povo mais fiel e mais honrado:
Tira as praças das mãos do injusto dono,
Ele mesmo as submete
De novo à sujeição do luso trono!

Eu vejo nas histórias
Rendido Pernambuco aos holandeses;
Eu vejo saqueada
Esta ilustre cidade dos franceses^{cclv};
Lá se derrama o sangue brasileiro;
Aqui não basta, supre
Das roubadas famílias o dinheiro^{cclvi}."

Enquanto assim falava,
Mostrava a deusa não me ouvir com gosto;
Punha-me a vista tesa,
Enrugava o severo e aceso rosto.
Não suspendo contudo no que digo^{cclvii};
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo e assim prossigo:

"Acabou-se, tirana,
A honra, o zelo deste luso povo?
Não é aquele mesmo
Que estas ações obrou? É outro novo?
E pode haver direito que te mova

A supor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

Há em Minas um homem,
Ou por seu nascimento ou seu tesouro^{cclviii},
Que aos outros mover possa
À força de respeito, à força d'ouro^{cclix}?
Os bens de quantos julgas rebelados
Podem manter na guerra,
Por um ano sequer, a cem soldados?

Ama a gente assisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha uma ação destas
Nas mãos dum pobre, sem respeito e louco^{cclx}?
E quando a comissão lhe confiasse,
Não tinha pobre soma,
Que por paga ou esmola, lhe mandasse!

Nos limites de Minas,
A quem se convidasse não havia?
Ir-se-iam buscar sócios^{cclxi}
Na Colônia^{cclxii} também, ou na Bahia?
Está voltada a corte brasileira
Na terra dos suíços,
Onde as potências vão erguer bandeira^{cclxiii}?

O mesmo autor do insulto^{cclxiv}
Mais a riso, do que a terror me move;
Deu-lhe nesta loucura,
Podia-se fazer Netuno ou Jove.
A prudência é tratá-lo por demente;
Ou prendê-lo, ou entregá-lo,
Para dele zombar a moça gente.

Aqui, aqui a deusa
Um extenso suspiro aos ares solta;
Repete outro suspiro,
E, sem palavra dar, as costas volta.
"Tu te irritas?", lhe digo, "e quem te ofende?"
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim; sossega, atende.

E tinha que ofertar-me
Um pequeno, abatido e novo Estado,
Com as armas de fora,
Com as suas próprias armas consternado?
Achas também que sou tão pouco esperto,
Que um bem tão contingente
Me obrigasse a perder um bem já certo?

Não sou aquele mesmo
Que a extinção do débito pedia?
Já viste levantado
Quem à sombra da paz alegre, ria?
Um direito arriscado eu busco e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto, e todo o meio^{cclxv}?

Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna, risonha,
A mais formosos campos me convida?
Não me unira, se os houvesse aos vis traidores^{cclxvi};
Daqui nem ouro^{cclxvii} quero;
Quero levar somente os meus amores.

Eu, ó cega, não tenho
Um grosso cabedal, do pais herdado;
Não o recebi no emprego,
Nem tenho as instruções dum bom soldado.
Far-me-iam os rebeldes o primeiro
No império que se erguia
À custa do seu sangue e seu dinheiro?"

Aqui, aqui, de todo
A deusa se perturba e mais se altera;
Morde o seu próprio beijo^{cclxviii};
O sítio deixa, nada mais espera."
Ah! vai-te", então lhe digo, "vai-te embora".
Melhor, minha Marília,
Eu gastasse contigo mais esta hora.

PARTE III

Lira I^{cclxix}

Convidou-me a ver seu Templo
O cego Cupido um dia:
Encheu-se de gosto o peito,
Fiz deste Deus um conceito,
Como dele não fazia.

Aqui vejo, descorados,
Os terníssimos amantes
Entre as cadeias gemerem;
Vejo nas piras arderem
As entranhas palpitantes."

A quem amas, quanto avistas",
Diz Cupido, "não aterra;
Quem quer cingir o loureiro
Também vai sofrer primeiro
Todo o trabalho da guerra.
Contudo, que te dilates

Neste sítio não convenho;
Deixa a estância lastimosa,
Vem ver a sala formosa
Aonde o meu sólio tenho".
Entro noutro grande templo:

Que perspectiva tão grata!
Tudo quanto nele vejo
Passa além do meu desejo
E o discurso^{cclxx} me arreбата.

É de mármore e de jaspe
O soberbo frontispício;
É todo por dentro d'ouro;
E a um tão rico tesouro
Inda excede o artifício.

As janelas não se adornam
De sedas de finas cores:
Em lugar dos cortinados,
Estão presos e enlaçados
Festões^{cclxxi} de mimosas flores.

Em torno da sala augusta
Ardem dourados braseiros,
Queimam resinas que estalam,
E, postas em fumo, exalam
Da Panchaia os gratos cheiros^{cclxxii}.

Ao pé do trono, os seus gênios
Alegres hinos entoam;
Dançam as Graças formosas,
E aqui as Horas gostosas^{cclxxiii}
Em vez de correrem, voam.

Estão sobre o pavimento,
Igualmente reclinados
Nos colos dos seus amores,
Os grandes reis, e os pastores,
De frescas rosas coroados^{cclxxiv}.

Mal o acordo^{cclxxv} restauro,
Me diz o moço risonho:

"Como ainda não reparas
Em tantas coisas^{cclxxvi} tão raras
De que este templo componho?

Sabes a história de Jove?
Aqui tens o manso touro^{cclxxvii},
Tens o cisne^{cclxxviii} decantado,
A velha em que foi mudado^{cclxxix},
Com a grossa chuva d'ouro^{cclxxx}.

Aplica, Dirceu, agora
Os olhos para esta parte;
Aqui tens o verde louro
Que inda estima o pastor louro^{cclxxxxi};
E a rede que enlaça a Marte^{cclxxxii}.

Vês este arco destramente
De branco marfim ornado?
À casta deusa^{cclxxxiii} servia,
E o perdeu, quando dormia
Do gentil pastor^{cclxxxiv} ao lado.

Vês esta lira? com ela
Tira Orfeu ao bem querido^{cclxxxv}
Dos infernos onde estava.
Vês este farol? guiava
Ao meu nadador de Abido^{cclxxxvi}.

Vês estas duas espadas
Ainda de sangue cheias?
A Tisbe, e a Dido mataram^{cclxxxvii};
E os fortes pulsos armaram
De Píramo, e mais de Enéias.

Sabes quem vai no navio,
Que nesse mar se levanta?
É Teseu^{cclxxxviii}. Vês esse pomo?
É de Cípide, assim como
São aqueles de Atalanta^{cclxxxix}.

Vê agora estes retratos,
Que destros pincéis fizeram.
Ah! que pinturas divinas!
Todos são das heroínas
Que mais vitórias me deram.

Repara nesse semblante^{ccxc}:
É o semblante de Helena;
Lá se avista a Grega armada,
E aqui de Tróia abrasada

Se mostra a funesta cena.

Vê est'outra formosura?
É a bela Deidamia^{ccxcii};
Lá tens Aquiles ao lado,
De uma saia disfarçado,
Como com ela vivia.

Cleopatra é quem se segue^{ccxciii};
Ali tens lançado a linha
Marco Antônio sossegado,
Ao tempo em que Augusto, irado,
Com armada mão caminha.

Aqui Hérnia se figura;
Vê um sábio dos maiores,
Qual infame delinquente,
Ir desterrado, somente
Por cantar os seus louvores^{ccxciv}.

Este é de Ônfale o retrato^{ccxcv};
Aqui tens (quem o diria!)
Ao grande Hércules sentado
Com as mais damas no estrado,
Onde em seu obséquio fia.

Anda agora a est'outra parte:
Conheces, Dirceu, aquela?"
"Onde vais?" lhe digo, "explica
Que beleza aqui nos fica,
Sem fazeres caso dela?"

Ergo os olhos, ponho a vista
Na imagem não explicada:
"Oh! quanto é digna de apreço!"
Mal exclamo assim, conheço
Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos
Em terno pranto saía
E no meu peito saltava;
Disfarçado, Amor olhava
Para mim a furto e ria.

Depois de passado tempo,
A mim se chega e me abala;
Desperto de tanto assombro,
Ele bate no meu ombro
E assim afável me fala:

"Sim, caro Dirceu, é esta
A divina formosura,
Que te destina Cupido;
Aqui tens o laço urdido
Da tua imortal ventura.

O númen^{ccxcv}, Dirceu, o númen,
Que os trabalhos de um humano
Desta sorte felicita,
Não é, como se acredita,
Não é um númen tirano.

Olha se a cega fortuna,
De tudo quanto se cria
Ou nos mares ou na terra,
Em o seu tesouro^{ccxcvi} encerra
Outro bem de mais valia?

Lisas faces cor-de-rosa,
Brancos dentes, olhos belos,
Grossos beijos encarnados^{ccxcvii},
Pescoço e peitos nevados,
Negros e finos cabelos.

Não vale mais que cingires,
Com braço de sangue imundo,
Na cabeça o verde louro?
Do que teres montes d' ouro?
Do que dares leis ao mundo?

Ah! ensina, sim, ensina
Ao vil mortal atrevido
E ao peito que adora, terno,
Que tem para um o inferno,
Para outro um céu, Cupido".

Ao resto Amor me convida;
Eu chorando, a mão lhe beijo,
E lhe digo: "Amor, perdoa
Não seguir-te, pois não voa
A ver mais o meu desejo".

Lira II

Em vão do amado
filho que foge,
Vênus quer hoje
notícias ter.

Sagaz e astuto

ele se esconde
em parte aonde
ninguém o vê.

Dos sinais dados,
bem se conhece
que ele aborrece^{ccxcviii}
a mãe que tem.

Se os seus defeitos
Ela publica,
razão lhe fica
de se ofender.

Foge o menino
e, disfarçado,
vive abrigado
numa cruel^{ccxcix}.

Com mil carícias
a ímpia o trata;
nem o desata
do peito seu.

Se a semelhança
sempre amor gera,
deve uma fera
outra acolher.

Ah! se o teu nome,
Marília, calo,
que de ti falo
bem podes crer.

Lira III

Tu não verás, Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharão os granetes de ouro^{ccc}
No fundo da bateia.

Lerás em alta voz a imagem bela;
Eu, vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma beleza,
Marília, não lhe invejes a ventura
Que tens quem leve à mais remota idade
A tua formosura^{ccci}.

Lira IV

Amor por acaso
A um pouso chegava,
Aonde acolhida
A Morte se achava.

Risonhos e alegres,
Os braços se deram
E as armas unidas
Num sítio puseram.

De empresas tamanhas
Cansados já vinham,
E em larga conversa
A noite entretinham.
Um conta que há pouco
A seta aguçada
Em uma beleza
Deixara empregada.

Diz outro que as flechas
Cravara no peito
De um grande que teve
O mundo sujeito.

Enquanto das forças
Cada um presumia,
Seus membros já lassos
O sono rendia.

Dormindo tranqüilos,
A noite passaram,
E inda antes da aurora
Com ânsia acordaram.

"É tempo que o leito
Deixemos, ó Morte",
Amor, já erguido,
Falou desta sorte.

"É tempo", em reposta
A Morte repete,
"Que à nossa fadiga^{cccii}

dormir não compete.

As armas colhamos,
Voltemos ao giro:
Cada um a seu gosto
Empregue o seu tiro."

Vão, inda cos olhos
Em sono turbados,
Ao sítio em que os ferros
Estão pendurados.

Amor para as setas
da Morte se enclina;
De Amor logo a Morte
Coas flechas atina.

Oh! golpes tiranos!
Oh! mãos homicidas!
São tiros da Morte
De Amor as feridas.

De um sonho, que pinto,
Marília, conhece
Se amor ou se morte
esta alma padece.

Lira V^{ccci}

Eu não sou, minha Nise, pegureiro
Que viva de guardar alheio gado;
Nem sou pastor grosseiro,
Dos frios gelos e do sol queimado,
Que veste as pardas lãs do seu cordeiro.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha estrela!

A Cresso não igualo no tesouro;
Mas deu-me a sorte com que honrado viva.
Não cinjo coroa d'ouro^{ccci};
Mas povos mando, e na testa altiva
Verdeja a coroa do sagrado louro^{ccci}.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha estrela!

Maldito seja aquele que só trata
De contar, escondido, a vil riqueza,
Que, cego, se arrebatava
Em buscar nos avós a vã nobreza,
Com que aos mais homens, seus iguais, abata.

Graças, ó Nise bela,
Graças à minha estrela!

As fortunas, que em torno de mim vejo,
Por falsos bens, que enganam, não reputo;
Mas antes mais desejo:
Não para me voltar soberbo em bruto,
Por ver-me grande, quando a mão te beijo.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha estrela!

Pela ninfa, que jaz vertida em louro^{cccvi},
O grande deus Apolo não delira?
Jove, mudado em touro
E já mudado em velha^{cccvi} não suspira?
Seguir aos deuses nunca foi desdouro.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha estrela!

Pertendam^{cccvi} Anibais honrar a História,
Cinjam com a mão, de sangue cheia,
Os louros da vitória;
Eu revolvo os teus dons na minha idéia:
Só dons que vêm do céu são minha glória.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha estrela!

Lira VI
(Tradução)

Amor, que seus passos
Ligeiro movia
Por mil embaraços
que um bosque tecia,

Nos ombros me acena
Com brando raminho;
E logo me ordena
Que siga o caminho.

Por entre a espessura
Do bosque me avanço;
E atrás da ventura,
Incauto, me lanço.

Já tinha calcado
Os montes mais duros,
co peito rasgado
os rios escuros:

Eis que uma serpente,
A língua vibrando,
Me crava o seu dente,
Me deixa expirando.

Então, surpreendida
Da dor que a traspassa,
Minha alma ferida
Aos beijos^{cccix} se passa.

As iras detesta
Amor. Isto vendo,
E as asas na testa
Me bate, dizendo:

"Tu choras, tu gemes,
da serpe tocado,
e o braço não temes
de um númen^{cccix} irado?"

Lira VII^{cccx}

Tu, formosa Marília, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas^{cccxii}
Do turvo Ribeirão em que nascestes.
Deixa, Marília, agora
As já lavradas serras:
Anda, afoita, romper os grossos mares,
Anda encher de alegria estranhas terras;
Ah! que por ti suspiram
Os meus saudosos lares!

Não corres como Safo sem ventura,
Em seguimento de um cruel ingrato^{cccxiii},
Que não cede aos encantos da ternura;
Segues um fino amante,
Que, a perder-te, morria^{cccxiv}.
Quebra os grilhões do sangue e vem, ó bela;
Tu já foste no sul a minha guia,
Ah! debes ser no norte
Também a minha estrela.

Verás ao deus Netuno sossegado,
Aplainar co tridente as crespas ondas;
Ficar como dormindo o mar salgado;
Verás, verás, d'alheta^{cccxv}
Soprar o brando vento;
Mover-se o leme, desrinzar-se o linho^{cccxvi},
Seguirem os delfins o movimento
Que leva na carreira

O empavesado pinho^{cccxvii}.

Verás como o Leão, na proa arfando,
Converte em branca espuma as negras ondas^{cccxviii},
e as talha e corta^{cccxiix} com murmúrio brando;

Verás, verás, Marília,
Da janela dourada^{cccxx},
Que uma comprida estrada representa
A linfa cristalina, que, pisada
Pela popa que foge,
Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo imenso
Tornar ao torto anzol, depois de o terem
Pela rasgada boca ao ar suspenso;
Os pequenos peixinhos
Quais pássaros voarem;
De toninhas verás o mar coalhado^{cccxxi},
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas,
Que forma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta,
Um repuxo formando com as águas
Que ao ar espalha da robusta venta;
Verás, enfim, Marília,
As nuvens levantadas,

Umas de cor azul ou mais escuras,
Outras de cor-de-rosa, ou prateadas,
Fazerem no horizonte
Mil diversas figuras.

Mal chegares à foz do claro Tejo,
Apenas ele vir o teu semblante,
Dará no leme do baixel um beijo.
Eu lhe direi, vaidoso:
“Não trago, não, comigo,

"Nem pedras de valor, nem montes d'ouro;
Roubei as áureas minas e consigo
Trazer para os teus cofres
Este maior tesouro."

Lira VIII

Em cima dos viventes fatigados
Morfeu as dormideiras espremia^{cccxxii},
Os mentirosos sonhos me cercavam;
Na vaga fantasia

Ao vivo me pintavam
As glórias, que, desperto,
Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a nau possante,
Nos braços conduzindo a minha bela;
Volteia a grande roda, e a grossa amarra
Se enleia em torno dela;
Já ponho a proa à barra;
Já cai ao som do apito
Ora uma ora outra vela.

Os arvoredos já se não distinguem;
A longa praia ao longe não branqueja;
E já se vão sumindo os altos montes,
Já não há que se veja
Nos claros horizontes,
Que não sejam vapores,
Que céu, e mar não seja.

Parece vão correndo as negras águas,
E o pinho, qual rochedo, estar parado;
Ergue-se a onda, vem à nau direita^{cccxxiii},
E quebra no costado;
O navio se deita,
E ela finge a ladeira^{cccxxiv}
Saindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes,
Cair do lais^{cccxxv} a linha que os engana;
Um, dourado, no anzol está pendente,
Sofre morte tirana;
Entretanto que a sente^{cccxxvi},
Ao tombadilho açoita
A cauda e a barbatana.

Sobre as ondas descubro uma carroça^{cccxxvii},
De formosas conchinhas enfeitada;
Delfins a movem, e vem Tétis nela;
Na proa está parada;
Nem pode a deusa bela
Tirar os brandos olhos
Da minha doce amada.

Nas costas dos golfinhos vêm montados
Os nus Tritões, deixando a esfera cheia
Com o rouco som dos búzios retorcidos.
Recreia, sim, recreia
Meus atentos ouvidos
O canto sonoro

Da música sereia^{ccccxviii}.

Já sobe ao grande mastro o bom gajeiro^{ccccxix},
Descobre arrumação^{ccccxx} e grita "Terra!"
À murada caminha, alegre, a gente;
 Alguns entendem que erra;
 Pelo imóvel somente
 Conheço não ser nuvem,
 Sim o cume d'alta serra.

De Mafra já descubro as grandes torres
(E que nova alegria me arrebatam!)
De Cascais a muleta já vem perto^{ccccxxi},
 Já de abordar-nos trata;
 Já o piloto esperto^{ccccxxii},
 Inda debaixo, manda
 Soltar mezena e gata^{ccccxxiii}.

Eu vou entrando na espaçosa barra,
A grossa artilharia já me atroa;
Lá ficam Paço d'Arcos, e a Junqueira;
 Já corre pela proa
 Uma amarra ligeira;
 E a nau já fica surta
 Diante da grã Lisboa.

Agora, agora sim, agora espero
Renovar da amizade antigos laços.
Eu vejo ao velho pai, que lentamente
 Arrasta a mim os passos.
 Ah! com vem contente!
 De longe mal me avista,
 Já vem abrindo os braços.

Dobro os joelhos, pelos pés o aperto,
E manda que dos pés ao peito passe.
Marília, quanto eu fiz, fazer intenta;
 Antes que os pés lhe abrace,
 Nos braços a sustenta;
 Dá-lhe de filha o nome,
 Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada, oh! céus, acordo!
Conheço não estar no claro Tejo^{ccccxxiv};
Abro os olhos, procuro a minha amada,
 E nem sequer a vejo.
 Venha a hora afortunada,
 Em que não fique em sonhos
 Tão ardente desejo!

Lira IX^{ccccxxv}

Chegou-se o dia mais triste
Que o dia da morte feia;
Caí do trono, Dircéia,
Do trono dos braços teus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Ímpio Fado, que não pôde
Os doces laços quebrar-me,
Por vingança quer levar-me
Distante dos olhos teus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Parto, enfim, e vou sem ver-te,
Que neste fatal instante
Há de ser o teu semblante
Mui funesto aos olhos meus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

E crês, Dircéia, que devem
Ver meus olhos penduradas
Tristes lágrimas salgadas
Correrem dos olhos teus?

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

De teus olhos engraçados^{ccccxxvi},
Que puderam, piedosos,
De tristes em venturosos
Converter os dias meus?

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Desses teus olhos divinos,
Que, terno e sossegados,
Enchem de flores os prados,
Enchem de luzes os céus?

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Destes teus olhos, enfim,
Que domam tigres valentes,
Que nem rígidas serpentes
Resistem aos tiros seus^{ccccxxvii}?

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Da maneira que seriam
em não ver-te criminosos,
Enquanto foram ditosos,
Agora seriam réus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Parto, enfim, Dircéia bela,
Rasgando os ares cinzentos;
Virão nas asas dos ventos
Buscar-te os suspiros meus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Talvez, Dircéia adorada,
que os duros fados me neguem
a glória de que eles^{cccxviii} cheguem
aos ternos ouvidos teus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Mas se ditosos chegarem,
Pois os solto a teu respeito,
Dá-lhes abrigo no peito,
Junta-os cos suspiros teus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

E quando tornar a ver-te,
Ajuntando rosto a rosto,
Entre os^{cccxix} que dermos de gosto,
Restitui-me então os meus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

SONETOS

1

É gentil, é prendada a minha Altéia;
As graças, a modéstia de seu rosto
Inspiram no meu peito maior gosto
Que ver o próprio trigo quando ondeia.

Mas, vendo o lindo gesto de Dircéia^{cccxl},
A nova sujeição me vejo exposto;
Ah! que é mais engraçado^{cccxli}, mais composto
Que a pura esfera^{cccxlii}, de mil astros cheia!

Prender as duas com grilhões estreitos
É uma ação, ó deuses, inconstante,
Indigna de sinceros, nobres peitos.

Cupido, se tens dó de um triste amante,
Ou forma de Lorino dois sujeitos,
Ou forma desses dois^{cccxlili} um só semblante.

2

Num fértil campo de soberbo Douro,
Dormindo sobre a relva, descansava,
Quando vi que a Fortuna me mostrava,
Com alegre semblante, o seu tesouro.

De uma parte, um montão de prata e ouro
Com pedras de valor o chão curvava;
Aqui um cetro, ali um trono estava,
Pendiam coroas mil de grama e louro^{cccxliv}.

"Acabou" , diz-me então, "a desventura:
De quantos bens te exponho qual te agrada,
Pois benigna os concedo, vai, procura."

Escolhi, acordei, e não vi nada:
Comigo assentei logo que a ventura
Nunca chega a passar de ser sonhada.

3

Enganei-me, enganei-me – paciência!
Acreditei às vozes, cri, Ormia,
Que a tua singeleza igualaria
À tua mais que angélica aparência.

Enganei-me, enganei-me – paciência!
Ao menos conheci que não devia
Pôr nas mãos de uma externa galhardia
O prazer, o sossego e a inocência.

Enganei-me, cruel, com teu semblante,
E nada me admiro de faltares,
Que esse teu sexo nunca foi constante.

Mas tu perdeste mais em me enganares:
Que tu não acharás um firme amante,
E eu posso de traidoras ter milhares.

4

Ainda que de Laura esteja ausente,
Há de a chama durar no peito amante;
Que existe retratado o seu semblante,
Se não nos olhos meus, na minha mente.

Mil vezes finjo vê-la, e eternamente
Abraço a sombra vã; só neste instante
Conheço que ela está de mim distante,
Que tudo é ilusão que esta alma sente.

Talvez que ao bem de a ver amor resista;
Porque minha paixão, que aos céus é grata,
Por inocente assim melhor persista;

Pois quando só na idéia ma retrata,
Debuxa os dotes com que prende, vista,
Esconde as obras com que ofende, ingrata.

5

Ao templo do Destino fui levado:
Sobre o altar um cofre se firmava,
Em cujo seio cada qual buscava,
Tremendo, anúncio do futuro estado.

Tiro um papel e leio – céu sagrado,
Com quanta causa o coração pulsava!
Este duro decreto escrito estava
Com negra tinta pela mão do fado:

“Adore Polidoro a bela Ormia,
Sem dela conseguir a recompensa,
Nem quebrar-lhe os grilhões à tirania.”

Das mãos Amor mo arranca, e sem detença,
Três vezes o levando à boca impia,
Jurou cumprir à risca tal sentença.

6

Quantas vezes Lidora me dizia,
Ao terno peito minha mão levando:
"Conjurem-se em meu mal os astros, quando
Achares no meu peito aleivosia!"

Então que não chorasse lhe pedia,
Por firme seu amor acreditando.
Ah! que em movendo os olhos, suspirando,
Ao mais acautelado enganaria!

Um ano assim viveu. Oh! céus, agora
Mostrou que era mulher: a natureza,
Só por não se mudar, a fez traidora.

Não, não darei mais cultos à beleza,
Que, depois de faltar à fé Lidora,
Nem creio que nas deusas há firmeza.

7

O númen^{cccxliv} tutelar da Monarquia,
Que fez do grande Henrique a invicta espada,
Procurou dos Destinos a morada,
Por consultar^{cccxlv} a idade que viria.

A mil e mil heróis descritos via,
Que exaltam de Furtado^{cccxlvii} a estirpe honrada,
E na série, que adora, dilatada,
O nome de Francisco descobria.

Contempla uma por uma as letras d'ouro;
Este penhor, que o tempo não consome,
Promete ao reino seu maior tesouro.

Prostra-se o gênio; e sem que a empresa tome
De lhe buscar sequer mais outro agouro,
O sítio beija, e lhe mostra o nome^{cccxlviii}.

8

Nascer no berço da maior grandeza,
De palmas e de louros rodeado,
Deve-se aos grandes pais, ao tronco honrado,
Que ilustra deste longe a natureza.

Se porém muito mais se adora^{cccxlix} e preza
O dom que o nobre sangue traz herdado,
Pela própria virtude sustentado,
Feliz o objeto da presente empresa.

De mil heróis, no Tejo vencedores^{cccl},
Um ramo nasce, um ramo que a memória
Faz imortal de seus progenitores.

Eu leio em vaticínio a sua história:
Une Francisco, a par de seus maiores,
Ao herdado esplendor a própria glória.

9

Mudou-se enfim Lidora, essa Lidora
Por quem mil vezes fé me foi jurada.
Que vos detém, ó céus, que castigada
Ainda não deixais tão vil traidora?

Não haja piedade: sinta agora
A dita sem remédio em mal trocada;
Pois, se assim não sucede, fica ousada
Para ser outra vez enganadora.

Vingai, ó justos céus..., mas ah! que digo?
Que maltrateis Lidora? – o sentimento
Privou-me do discurso^{cccli}; eu me desdigo.

Não, não vibreis o raio violento;
Pois que a compaixão do seu castigo
Há de aumentar depois o meu tormento.

10

Adeus, cabana, adeus; adeus, ó gado;
Albina ingrata, adeus, em paz te deixo;
Adeus, doce rabil^{ccclii}; neste alto freixo^{cccliii}
Te fica^{cccliv}, ao meu destino consagrado.

Se te for meu sucesso perguntado,
não declares, rabil, de quem me queixo;
não quero que se saiba vive Aleixo
por causa de uma infame desterrado.

Se vires a pastor desconhecido,
lhe dize^{ccclv} então piedoso: "Ah! vai-te embora,
atalha os danos que outros têm sentido.

Habita nesta aldeia uma pastora,
de rosto belo, coração fingido,
umas vezes cruel, e as mais traidora."

11

Com pesadas cadeias maniatado,
Às vozes da razão ensurdecido,
Dos céus, de mim, dos homens esquecido,
Me vi de amor nas trevas sepultado.

Ali aliviava o meu cuidado
Co dar de quando em quando algum gemido.
Ah! tempo! Que, somente refletido,
Me fazes entre as ditas desgraçado.

Assim vivia, quando a falsidade
De Laura me tornou num breve dia
Quanto a razão não pôde em longa idade:

Quebrei o vil grilhão que me oprimia!
Oh! feliz de quem goza a liberdade,
Bem que venha por mãos da aleivosia!

12

Obrei quando o discurso me guiava:
Ouvi aos sábios quando errar temia;
Aos bons no gabinete o peito abria,
Na rua a todos como iguais tratava.

Julgando os crimes, nunca os votos dava
Mais duro ou pio do que a lei pedia;
Mas devendo salvar ao justo, ria,
E devendo punir ao réu, chorava.

Não foram, Vila Rica, os meus projetos
Meter em férreo cofre cópia d'ouro^{ccclvi}
Que farte aos filhos e que chegue aos netos;

Outras são as fortunas, que me agouro^{ccclvii}:
Ganhei saudades, adquiri afetos,
Vou fazer destes bens melhor tesouro^{ccclviii}.

13

Quando o torcido buço derramava
Terror no aspecto ao português sisudo,
Quando, sem pó nem óleo, o pente agudo
Duro, intonso, o cabelo em laço atava;

Quando contra os irmãos o braço armava
O forte Nuno^{ccclix}, opondo escudo a escudo;
Quando a palavra, que prefere a tudo,
Com a barba arrancada, João^{ccclx} firmava;

Quando a mulher à sombra do marido
Tremer se via; quando a lei prudente
Zelava o sexo do civil ruído^{ccclxi};

Feliz então, então só inocente
Era de Luso o reino. Oh! bem perdido!
Ditosa condição, ditosa gente!

NOTAS

ⁱ A sanfoninha de Dirceu era um antigo instrumento de cordas friccionadas. A mão esquerda do executante se ocupava com um teclado destinado a produzir os diferentes sons, enquanto a direita acionava uma manivela (o *ferro* a que o poeta se refere na lira IX da segunda parte) unida a uma roda de madeira untada com resina que punha as cordas em vibração. Era instrumento tradicional de cegos e pastores. Camões, na dedicatória da écloga sexta ao Duque de Aveiro, tem os seguintes versos: "Ouvi da minha humilde sanfonina /A harmonia, que vós alevantais/Tanto, que de vós mesmo a fazeis dina ." (Luís de Camões. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963, p.398).

ⁱⁱ *Alceste*: Julga Rodrigues Lapa ser este um dos pseudônimos arcádicos de Cláudio Manuel da Costa.

ⁱⁱⁱ *segura*: o mesmo que assegura.

^{iv} *papoila* na edição *princeps*.

^v *Nos troncos gravarei os teus louvores*: Um dos dogmas da estética renascentista – dogma este que subsistiu até aos albos da revolução romântica – era a imitação dos clássicos greco-latinos. Temos, aqui, um exemplo dessa imitação: na quinta das cartas de amantes mitológicas que constituem as *Heróidas* de Ovídio, a ninfa Enone lembra a Páris as vezes que este lhe gravou o nome e os louvores no tronco de choupos e de faias.

^{vi} *dous* na edição *princeps*.

^{vii} Estes versos contradizem o que o poeta afirmara na lira precedente ("Os teus cabelos são uns fios d' ouro"), induzido, ao que tudo indica, pelos cânones do petrarquismo moribundo. A alternância entre "fios d' ouro" e cabelos com a "côr da negra noite" — ou expressões equivalentes — volta a ocorrer em outros lugares de *Marília de Dirceu*. Mas cabe notar que, sempre que o poeta é confrontado com as exigências da realidade (como, por exemplo, ao exortar o amigo Glauceste a que retrate *d' après nature*, por assim dizer, a formosura de Marília, na lira XXXIII da primeira parte, ou ao evocar, do fundo do cárcere, a imagem de sua bem-amada tal como se vê impressa na memória do coração, na lira I da segunda parte), são negros os cabelos de Marília.

^{viii} *Púrpureas folhas de rosa, / brancas folhas de jasmim*: o mesmo que purpúreas pétalas de rosa, etc. Também Machado de Assis serviu-se do vocábulo *folhas* nesta acepção em "A Mosca Azul": "Era uma mosca azul [...] Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada" (em *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1902, p. 314).

^{ix} *rubins*: o mesmo que rubis.

^x *beijos*: Embora no português contemporâneo este vocábulo venha sendo aplicado quase exclusivamente a animais, não faltam exemplos de bons escritores que, da Idade Média aos nossos dias, dele se serviram, sem qualquer intenção pejorativa, para referir-se a lábios humanos. Assim, por exemplo, o narrador do conto "Missa do Galo", de Machado de Assis, descrevendo o comportamento de sua interlocutora, Conceição: "De vez em quando passava a língua pelos beijos para umedecê-los." (Machado de Assis. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986, v.III, p.608).

^{xi} *Entendia eu não olhava*: julgava que eu não olhava.

^{xii} Embora o português contemporâneo reserve o uso de *quem* aos casos em que o pronome tem por antecedente uma pessoa, é corrente na linguagem clássica referir este relativo a quaisquer antecedentes, como nesta passagem de Camões: "Ó glória de mandar, ó vã cobiça/Desta vaidade a quem chamamos fama!" (*Os Lusíadas*, IV,95, 1-2). Gonzaga assim o emprega diversas vezes, conforme demonstrou Rodrigues Lapa. (V. Obras Completas de Tomás Antônio Gonzaga, I. *Poesias* [,] *Cartas Chilenas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1958, p. 115 nota).

^{xiii} *discurso*: razão, entendimento. Nesta acepção, segundo assinala Rodrigues Lapa, é

freqüente em Gonzaga.

^{xiv} [...] *O grande Jove / uma vez se mudou em chuva de ouro; / Outras vezes tomou as várias formas / De general de Tebas, velha e touro.*" Ocorrem aqui, sucessivamente, alusões às lendas de Dânae, a quem Júpiter fecundou metamorfoseado em chuva de ouro; de Alcmena, que Júpiter possuiu sob os traços de seu marido, Anfitrião; e de Europa, raptada por Júpiter transformado em touro. Quanto à metamorfose do pai dos deuses em velha, a que Gonzaga voltará a referir-se mais de uma vez, ela não parece assentar em qualquer tradição mitográfica conhecida.

^{xv} *acredita*: causa aprêço, prestígia.

^{xvi} Sugere Rodrigues Lapa que os concetos amargos desta lira poderiam ter sido ditados pela iminente partida de Marília para Sabará, em visita a uma de suas tias.

^{xvii} *Trazia dos ninhos*: é a lição da edição Lacerdina, que Rodrigues Lapa reputa melhor que a lição da *princeps*, *Trazia nos ninhos*. Também o pastor Agrário, da écloga sexta de Camões, lembra a sua amada Dinamene que, para ela, "dos ninhos / Os implumes penhores já furtei"(cf. Luís de Camões. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963, p.402).

^{xviii} *Alceu*: Entende Rodrigues Lapa que este Alceu seria personificação de Alvarenga Peixoto.

^{xix} *que vezes*: quantas vezes.

^{xx} *voltou*: mudou. Nesta mesma aceção torna a ocorrer no verso 54 da lira XXXVIII da segunda parte: "Está voltada a corte brasileira / Na terra dos suíços / Onde as potências vão erguer bandeira? "

^{xxi} *Qual ... Qual*: Este ... Aquele, cf. *Os Lusíadas*, VI, 64, 5-6: "Qual do cavalo voa, que não desce; / Qual, co cavalo em terra dando, geme".

^{xxii} *defende*: o mesmo que proíbe. Nesta aceção, hoje caída em desuso, é lídimio português, abonado, entre outros, por Camões e Diogo do Couto. A edição *princeps* traz *trabalha* ao invés de *defende*, que ocorre pela primeira vez na edição Lacerdina, de 1811, e é a lição adotada por Rodrigues Lapa, a quem seguimos.

^{xxiii} *a deusa de Citera*: Vênus.

^{xxiv} *rulam*: o mesmo que arrulham.

^{xxv} *cos*: com os.

^{xxvi} *ímpios*: forma poética de *ímpios*.

^{xxvii} *pendentes dos teus beijos graciosos*: v. a nota 10.

^{xxviii} A fim de se preservarem as dez sílabas métricas deste verso não se elidem o *e* da última sílaba de *virtude* e a conjunção *e* que se lhe segue.

^{xxix} *Também o grande Aquiles veste a saia*: Ao rebentar a guerra de Tróia, Tétis, sabedora de que Aquiles, seu filho, seria morto caso tomasse parte nos combates, pediu a Licomedes, rei dos dólopos, que o escondesse em seu palácio. O rei fez o mancebo trajar-se de mulher e meteu-o no gineceu, o que não impediu que Aquiles se enamorasse da filha de Licomedes, Deidamia, e lhe desse um filho, Neoptolemo ou Pirro. É a este cativo amoroso que alude o poeta nos versos desta estrofe.

^{xxx} *Também Alcides fia*: Alcides – ou Hércules, pois é dele que se trata – fez-se vender como escravo a Ônfale, rainha da Lídia, para expiar a morte de Ífito. Narra a lenda que a rainha se apaixonou pelo herói e restituiu-lhe a liberdade. Os poetas representaram a Hércules na corte de Ônfale envergando longas vestes femininas e ocupando-se em fiar, fato este que Camões aponta como um dos casos exemplares em que o amador se transforma na coisa amada: "E pois se os peitos fortes enfraquece / Um inconcesso amor desatinado, / Bem no filho de Almena se parece / Quando em Ônfale andava transformado."(*Os Lusíadas*, III, 141, 1-4).

^{xxx}ⁱ *montado*: Segundo o lexicógrafo Antônio de Moraes Silva, o mesmo que "bosque de árvores que dão bolota, onde pascem os porcos".

^{xxx}ⁱⁱ *No corpo ainda / Menino existe*. Entenda-se: no corpo ainda tem a aparência de menino.

^{xxx}ⁱⁱⁱ *atacada*: o mesmo que abarrotada.

^{xxx}^{iv} *carvalhos*: v. a nota 21.

^{xxx}^v Hércules.

^{xxx}^{vi} *ponto*: o mesmo que nota musical.

^{xxx}^{vii} Anfião, que, segundo a lenda, atraiu a si, com o som de sua lira, as pedras destinadas a murar Tebas, na Beócia.

^{xxx}^{viii} Orfeu.

^{xxx}^{ix} *Deixemos ó Musa, / Empresa maior*, etc. Este refrão, que se repete no final das duas estrofes seguintes, só apareceu na presente forma a partir da edição de 1799. A edição *princeps* repetia inalterado, da primeira à última estrofe, o refrão *Busquemos, ó Musa / Empresa maior*, etc., o que constitui erro evidente.

^{xl} Alcides: Hércules.

^{xli} *grenhoso bruto*: o leão de Neméia, cuja destruição veio a ser o primeiro dos trabalhos de Hércules.

^{xlii} *coa*: com a.

^{xliii} *Um peito forte, / De acordo falto, / Zomba do assalto / Do vil traidor*. Em nota a esta passagem Melânia Silva Aguiar faz ver que, servindo a palavra *acordo*, na linguagem clássica, para designar siso ou juízo, *de acordo falto* significa sem juízo, desassisado. O sentido destes versos é o de que um peito forte endoidecido por Amor é capaz de arrostar quaisquer perigos que se oponham à consecução de seus desejos. Os exemplos mitológicos que se sucedem nas estrofes seguintes confirmam a assertiva inicial.

^{xliv} Leandro.

^{xl}^v Orfeu.

^{xl}^{vi} *Cocito*: Um dos rios do Hades, metonimicamente tomado pelo próprio Hades.

^{xl}^{vii} Eurídice.

^{xl}^{viii} *Aqueronte*: outro rio do Hades.

^{xl}^{ix} Cérbero.

^l *Minos*: um dos três juízes dos mortos que chegavam ao Hades. Os outros dois eram Radamanto (v. a lira XI da segunda parte) e Éaco.

^{li} Sísifo.

^{lii} *pertende* no original.

^{liii} Tântalo.

^{liv} *roxa*: vermelha, como o "roxo sangue" de *Os Lusíadas*, I, 82, 8. Vem a propósito lembrar que o vocábulo tem o mesmo étimo que o castelhano *rojo* e o italiano *rosso*, palavras que numa e noutra língua querem dizer vermelho.

^{lv} Possivelmente Tício, gigante por Zeus precipitado no Hades, cujo fígado, segundo Virgílio (*Eneida* VI, 595 ss.) era perpetuamente devorado por um abutre. *roxa*: vermelha, como o "roxo sangue" de *Os Lusíadas*, I, 82, 8.

^{lvi} Hoje em dia usaríamos o subjuntivo depois da locução conjuncional concessiva *bem que*.

^{lvii} *Averno*: Lago da Campânia que os antigos consideravam uma das entradas dos Infernos. Como *Cocito*, mais acima, é aqui metonímia do Hades.

^{lviii} Hero e Leandro.

^{lix} Rodrigues Lapa sente ressoar nesta lira o tema *Carpe diem* entoado por um homem que começa a envelhecer e parece pressentir os infortúnios que o aguardam pouco além.

-
- ^{lx} *Qual... Qual*: v. a nota 22.
- ^{lxi} *doiradas* na edição *princeps*.
- ^{lxii} Glauceste Satúrnio, pseudônimo arcádico de Cláudio Manuel da Costa.
- ^{lxiii} *engraçada*: dotada de graças, graciosa. É uso clássico: o Padre Manuel Bernardo dedicou sua *Nova Floresta* à Virgem Maria chamando-lhe *engraçada*, isto é, cheia de graça.
- ^{lxiv} *cousa* na edição *princeps*.
- ^{lxv} *alumeia*: alumia. É forma encontrada entre os clássicos.
- ^{lxvi} *mais se acredita*: o mesmo que mais crédito adquire.
- ^{lxvii} *chuveiros*: chuvadas, cf. *Os Lusíadas*, V, 16, 5-6: "Negros chuveiros, noites tenebrosas,/Bramidos de trovões que o mundo fendem".
- ^{lxviii} *apenas me sentar*: o mesmo que tão logo me sente.
- ^{lxix} *novelhinho* na edição *princeps*.
- ^{lxx} *barba*: a parte inferior do rosto; queixo.
- ^{lxxi} *Que gosto não terá a mãe [...] Quando, Marília bela, / O tenro infante já com risos mudos / Começa a conhecê-la!* Reminiscência da quarta écloga de Virgílio: "Incipe, parue puer, risu cognoscere matrem".
- ^{lxxii} *Que prazer não terão os pais ao verem / Com as mães um dos filhos abraçados*: Concordância *ad sensum* de *um dos filhos* (singular) com *abraçados* (plural), de grande valor expressivo.
- ^{lxxiii} *folhas*: o mesmo que pétalas (v. a nota 8).
- ^{lxxiv} *rotura*: picada, ferimento.
- ^{lxxv} Entenda-se: Longe de ti, um minuto, um breve instante se afigura ao meu desgosto como um dia.
- ^{lxxvi} *Jamais, pastora, te vejo / Que em teu semblante composto / Não veja graça maior*. Nesta estrutura sintática o *que* seguido de *não* equivale a *sem que*: Jamais, pastora, te vejo sem que em teu semblante [...] veja graça maior. É a mesma construção que ocorre nos versos finais do primeiro canto de *Os Lusíadas* (I,166,5-8): " Onde pode acolher-se um fraco humano ? / Onde terá segura a curta vida, / Que não se arme e se indigne o céu sereno / Contra um bicho da terra tão pequeno?"
- ^{lxxvii} *bufo*: variedade de coruja.
- ^{lxxviii} *desvela*: v. a nota 68.
- ^{lxxix} A propósito dos efeitos do amor aqui descritos, um dos tópicos recorrentes na literatura que se originou do *dolce stil nuovo*, compare-se esta lira com o soneto "Tanto do meu estado me acho incerto", de Camões.
- ^{lxxx} *a seis puxada*: a palavra *cavalos* está subentendida.
- ^{lxxxi} *tremó*: espelho de parede posto entre duas janelas.
- ^{lxxxii} *vil*: humilde, de pouco valor. Nesta acepção é latinismo, o mesmo que ocorre em *Os Lusíadas*, I, 10, 1: "Vereis amor da pátria não movido / De prêmio vil,mas alto e quase eterno".
- ^{lxxxiii} *urcos*: cavalos de raça, de grande porte.
- ^{lxxxiv} *tempere*: o mesmo que afine, como no título da grande coleção de prelúdios e fugas de J. S. Bach, *O Cravo Bem Temperado*.
- ^{lxxxv} *pontos*: notas musicais (v. a nota 37).
- ^{lxxxvi} *salobres* na edição *princeps*.
- ^{lxxxvii} *ela*: a beleza.
- ^{lxxxviii} *isento*:que não se deixa cativar.
- ^{lxxxix} *ele*: Dirceu.
- ^{xc} *raivoso*: cheio de paixão.

^{xc}*pertendem*, na edição *princeps* (v. a nota 54).

^{xcii}*Qual ... Qual*: v. a nota 22.

^{xciii}Esta assertiva não parece assentar em qualquer tradição mitográfica conhecida.

^{xciv}*Traçou a língua nos dentes*: O sentido deste verso não salta aos olhos à primeira leitura. A única acepção de *traçar* que, de algum modo, pareceria quadrar à vívida cena que o poeta nos pinta seria a que ocorre na expressão *traçar a capa*, ou seja, "tomar-lhe as pontas debaixo do braço, ou dobrar a capa e cobrir o braço e peito com ela", segundo ensina o contemporâneo de Gonzaga, Antônio de Moraes Silva. Mas, não sendo a língua capa nem os dentes braços, é ocioso encarecer a debilidade de uma metáfora ligada à expressão que lhe deu origem não mais que pela tênue idéia de dobrar: lá, a capa; aqui, a língua. Outra possibilidade seria que *traçou* estivesse, aqui, por *terçou*. Mas, antes de mais nada, seria isto fonologicamente possível? No português europeu, que sempre realiza o /r/ como consoante vibrante e tende a reduzir, quando não a obscurecer de todo, a maioria das vogais pré-tônicas, sim. E quem no-lo prova é o próprio Gonzaga (portuense educado em Coimbra, não o esqueçamos) que sistematicamente grafa *pertende* por *pretende* (v. a nota 54). O caso é análogo ao de *terçar* /*traçar*: a vogal pré-tônica reduzida a ponto de obliterar-se e o /r/ como que investido do caráter de sonante. Posto isto, qual seria o significado de *terçou a língua nos dentes*? Novamente estaríamos às voltas com uma expressão de sentido concreto (terçar a lança, a espada ou o cajado) metaforicamente empregada por Gonzaga. Sempre de acordo com Moraes Silva, terça a lança, a espada ou o cajado quem nele pega "atravessado diagonalmente e de sorte que fique firme para rebater o golpe", etc. (cf. *Diccionario da Lingua Portuguesa* [...] Lisboa: Na Typographia Lacerdina, 1813). Metaforicamente falando, Cupido terçaria a língua nos dentes se a deitasse de fora meia enviesada, à maneira de criança voluntariosa e pirracenta entregue a uma fúria momentânea. Ao leitor decidir.

^{xcv}*Por fazer pensar a todos*: Para fazer, etc. Este emprego da preposição *por* é corrente na linguagem clássica. "Por dar seu parecer se pôs diante." (*Os Lusíadas*, I, 37,3).

^{xcvi}*eu dele cedo*: o mesmo que eu dele abro mão.

^{xcvii}O mesmo conceito foi expandido pelo Padre Antônio Vieira no Sermão do Bom Ladrão.

^{xcviii}*Contemplar em*: construção mais de uma vez encontrada em Gonzaga.

^{xcix}*cruas*: cruéis. É o sentido que tem o cognome do oitavo rei de Portugal, Pedro, o Cru (1357-1367).

^cMarco Antônio.

^{ci}*conhece*: o mesmo que reconhece.

^{cii}Vv.1-11: Estes versos ecoam no poema "As Musas", de Maria Lúcia Alvim: "Em vão, Marília, / teu nome passa / não fosse a graça / de teu pastor". (*Romanceiro de Dona Bêja*. Rio de Janeiro: Fontoura, [1979], p.77).

^{ciii}*viram*: veriam.

^{civ}*perlas*: pérolas.

^{cv}Cleópatra.

^{cvi}Marco Antônio.

^{cvii}*Octávio* na edição *princeps*.

^{cviii}*e ele*: e o teu querido.

^{cix}V. a nota 63.

^{cx}Juno.

^{cx}*segura*: o mesmo que assegura.

^{cxii}*por ver*: para ver (cf. a nota 99).

^{cxiii}Vv. 1-8: Embora no final desta lira o poeta declare que queimou os versos compostos

a outros amores, assinala Rodrigues Lapa que algum material desse espólio juvenil, sobretudo sonetos, sobreviveu na terceira parte de *Marília de Dirceu*.

^{cxiv} *sem- razão*, s.f.: ação desarrazoada, injustiça: "As sem-razões digamos que, vivendo,/ Me faz o inexorável e contrário/ Destino, surdo a lágrimas e a rogo". (Camões, canção "Vinde cá, meu tão certo secretário", vv.4-6. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963, p. 322)

^{cxv} *crimina*: recrimina.

^{cxvi} *acertado*: deliberado.

^{cxvii} *apenas*: mal.

^{cxviii} *concurso*: conjunto de circunstâncias.

^{cxix} *dino*: digno: "Estava o Padre ali sublime e dino" (*Os Lusíadas* I, 22, 1). Julga Epifânio Dias que, a despeito das grafias latinizantes *digno*, *indigno*, predominantes já na época do Renascimento, a pronúncia tradicional, *dino*, *indino*, prevaleceu até, pelo menos, a primeira metade do século XVII (cf. *Os Lusíadas de Luís de Camões* commentados por Augusto Epiphânio da Silva Dias. Porto: Magalhães & Moniz, 1910, tomo II, p.331).

^{cxx} *: doiradas* na edição *princeps*.

^{cxxi} Estes versos parecem ecoar Camões no célebre episódio de Inês de Castro: "Estavas, linda Inês [...] Aos montes ensinando e às ervinhas / O nome que no peito escrito tinhas. (*Os Lusíadas*, III, 120, 7-8).

^{cxxii} Esta lira e outras que se lhe seguem foram escritas na masmorra da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, onde Gonzaga fora lançado ao tomarem as autoridades conhecimento da Inconfidência Mineira.

^{cxxiii} *loiro* na edição *princeps*.

^{cxxiv} V. a nota 7.

^{cxxv} *loiro* na edição *princeps*.

^{cxxvi} *oiro* na edição *princeps*.

^{cxxvii} Vv. 1-12: Conforme observa Rodrigues Lapa, em nota a esta passagem, refere-se o poeta aos inimigos que fizera em Vila Rica e alhures, no exercício de seus deveres de magistrado.

^{cxxviii} Entenda-se: Converteu a muitos mortais em astros que ainda diviso no céu.

^{cxxix} Lembra Melânia Silva de Aguiar que este verso estaria presente a Carlos Drummond de Andrade ao escrever "Palinódia", poema que faz parte de *Sentimento do Mundo*: "Não, meu coração não é maior que o mundo./ É bem menor/ Nele não cabem todas as minhas dores." E não esqueçamos ser esta uma retratação do que dissera o mesmo poeta no "Poema de Sete Faces", que abre seu livro de estréia, *Alguma Poesia*: "Mundo mundo vasto mundo, / Mais vasto é meu coração." Sobre ambos os momentos do itabirano adeja a grande sombra de Gonzaga.

^{cxxx} *loiro* na edição *princeps*.

^{cxxxi} *casa*: aposento. Uso ainda hoje corrente em Portugal, em sintagmas como casa de banho e casa de jantar.

^{cxxxii} *trabalhos*: aflições, cuidados, sofrimentos, como no título do livro *Trabalhos de Jesus* do quinhentista Frei Tomé de Jesus.

^{cxxxiii} Entenda-se: Com apenas ver-te, o doce gosto me dará em poucos dias a minha mocidade.

^{cxxxiv} *calmoso*: quente.

^{cxxxv} *fez seu termo*: chegou ao termo.

^{cxxxvi} *esfera*: a abóbada celeste.

^{cxxxvii} Entenda-se: o vento sul sopra com força.

^{cxxxviii} *triste*: infeliz.

-
- ^{cxxxix} *discurso*: v. a nota 13.
^{cxl} *mareia o pano*: o mesmo que manobra as velas.
^{cxli} *Nem sepultura / Lhes concedeu*. Entenda-se: nem sequer sepultura lhes concedeu.
^{cxlii} *vis*: v. a nota 84.
^{cxliii} *claro*: A edição *princeps*, conforme assinala Rodrigues Lapa, traz *caro*. O erro veio a ser corrigido na edição Lacerdina, de 1811, cuja lição, seguindo na esteira daquele filólogo, adotamos aqui.
^{cxliv} Glauceste Satúrnio, pseudônimo arcádico de Cláudio Manuel da Costa, preso pela mesma razão que Gonzaga, embora este, como faz notar Rodrigues Lapa, ignore ou finja ignorar a desgraça sobrevinda ao amigo.
^{cxlv} *conceito*: opinião. *Se fazes o conceito*: Se é tua opinião.
^{cxlvi} *doirada* na edição *princeps*.
^{cxlvii} *contorno*: o mesmo que arredores.
^{cxlviii} Orfeu
^{cxlix} Anfião (v. a nota 38).
^{cl} *medos*: povo da Antiguidade que habitava o noroeste do Irã.
^{cli} *pertendes* no original.
^{clii} *modo*: Nota Rodrigues Lapa que a edição *princeps* e todas as que se lhe seguem até 1811 trazem *medo*, o que constitui erro evidente.
^{cliii} *oiro* na edição *princeps*.
^{cliv} *tesoiro* na edição *princeps*.
^{clv} *cercos*: o mesmo que *cercado*.
^{clvi} *sanfoninha*: v. a nota 1.
^{clvii} *namoram*: o mesmo que enamoram, ou seja, enlevam, encantam, apaixonam, como nesta passagem de *Os Lusíadas* (II, 34, 1-4), em que Camões descreve os efeitos produzidos pela vista de Vênus: "E como ia afrontada do caminho, / Tão fermosa no gesto se mostrava, / Que as estrelas, o céu e o ar vizinho / E tudo quanto a via, namorava."
^{clviii} São João Batista, cuja festa se celebra aos 24 de junho.
^{clix} *Não foi bem pregada?* Verso defeituoso de cinco sílabas, que Rodrigues Lapa preferiu manter em sua edição. A edição revista e publicada por José Veríssimo (Rio de Janeiro: Garnier, 1912), cujo texto se baseia no de Joaquim Norberto de Sousa e Silva (Rio de Janeiro: Garnier, 1862) corrige-o para *Não te foi bem pregada?*.
^{clx} *agoiram* na edição *princeps*.
^{clxi} V. a nota 58.
^{clxii} *Radamanto*: um dos juizes dos mortos na mitologia clássica. (v. a nota 51).
^{clxiii} Possível alusão ao suplício de Sísifo (v. a nota 52), embora este não lançasse, mas rolasse o penedo montanha acima.
^{clxiv} Possível alusão ao suplício de Ixião, precipitado por Zeus no Tártaro e por Hermes atado a uma roda que girava sem cessar.
^{clxv} Possível alusão ao suplício de Tício (v. a nota 55).
^{clxvi} Alusão ao suplício de Tântalo.
^{clxvii} *lograr-te*: possuir-te.
^{clxviii} *pertendo* na edição *princeps*.
^{clxix} A palavra *tiranos* refere-se a olhos.
^{clxx} *inquieta*: este vocábulo deve ser lido com quatro sílabas.
^{clxxi} *Tu verás Marília, a minha*: a palavra *janela* está subentendida.
^{clxxii} *choça*: o mesmo que choupana. Lembre-se que todas estas líras são, em maior ou menor grau, tributárias da ficção pastoril.
^{clxxiii} *congresso*: o vocábulo está aqui empregado em sua acepção etimológica de reunião.

Com este mesmo sentido ocorre nas *Cartas Chilenas*.

^{clxxiv} Novamente se mostra Gonzaga convencido (v. a nota 150) de que, tirante sua prisão, por ele atribuída ao ódio e às intrigas de inimigos, tudo continuava como dantes em Vila Rica. Julga Rodrigues Lapa ser esta uma atitude dissimulada, destinada a facilitar-lhe a defesa.

^{clxxv} Decassílabo anômalo, com acentos na quinta, oitava e décima sílabas.

^{clxxvi} *Jacob* na edição *princeps*.

^{clxxvii} Entende Rodrigues Lapa que esta lira tem por destinatário o Visconde de Barbacena, governador da capitania de Minas Gerais e amigo de Gonzaga.

^{clxxviii} *oiro* na edição *princeps*.

^{clxxix} *namoram*: v. a nota 164.

^{clxxx} Refere-se o poeta a Júlio César.

^{clxxxi} Trata-se de Alexandre Magno.

^{clxxxii} V. a nota 179.

^{clxxxiii} *casal*: pequena propriedade rústica, casa de campo. Ainda nos primeiros anos deste século o poeta Mário Pederneiras (1867-1915) publicou um livro de versos intitulado *Histórias do Meu Casal*.

^{clxxxiv} *Escrever teus louvores nos olmeiros*: v. as notas 5 e 21.

^{clxxxv} *papoilas* na edição *princeps*.

^{clxxxvi} *Que pagarei dos poucos do meu ganho*: Encerra esta frase um típico exemplo daquilo que os gramáticos chamam de contaminação sintática, vale dizer, uma construção (*os poucos do meu ganho*) resultante do cruzamento de duas outras (*os poucos meus ganhos* e *o pouco do meu ganho* ou *dos meus ganhos*). O enunciado escolhido por Gonzaga, além de pôr em particular relevo a paucidade dos ganhos que o poeta conta obter no futuro, tem também a vantagem de integrar-se num decassílabo perfeito. Só resta acrescentar que o primeiro *de*, subsequente a *pagarei*, é preposição de valor partitivo, freqüente em frases do tipo “paguei *do* meu bolso”.

^{clxxxvii} *Mas ao menos será o teu vestido/Por mãos de amor, por minhas mãos cosido*: Estes versos, juntamente com o nono verso da lira XXXIV desta segunda parte (*Pintam que estou bordando um teu vestido*) têm dado ensejo a mais de uma especulação fantasiosa por parte de críticos e comentadores desapercibidos de erudição histórica. Foi Tomás Brandão, biógrafo de D. Maria Dorotéia de Seixas, quem pôs a questão em seus devidos termos, ao lembrar que “um dos costumes elegantes da classe nobre de Vila Rica, o qual chegou até à Independência, era a obrigação imposta ao noivo de bordar o vestido nupcial da que ia ser sua esposa” (*Marília de Dirceu*. Belo Horizonte: Tipografia Guimarães, 1932, p. 167-168, *apud* Rodrigues Lapa, *Obras Completas de Tomás Antônio Gonzaga*, I, p. 108 nota). Daí carecer de qualquer fundamento a “importância capital para a crítica do caráter de Gonzaga” atribuída a este a este fato por Araripe Júnior, que nele vê “a fonte verdadeira de onde mana todo o lirismo de Dirceu”(cf. *Obra Crítica de Araripe Júnior*. Rio de Janeiro: MEC – Casa de Rui Barbosa, 1960, vol. III, p. 272).

^{clxxxviii} *Nas noites de serão nos sentaremos / Cos filhos, se os tivermos, à fogueira*: Hoje expressaríamos a mesma idéia dizendo *fogo* ou *lareira*, ao invés de *fogueira*. No português clássico, *lareira* designava a laje do *lar*, e este, o espaço sob a chaminé sobre o qual se acendia o fogo – a *fogueira*, a que se referia Gonzaga. Este uso, que ainda está vivaz em Trás-os-Montes e, porventura, em outras partes de Portugal, é o mesmo que encontramos em Camões, no prólogo de *El-Rei Seleuco*: “A verdade é esta: passear com casa juncada, fogueira com castanhas, mesa posta com alcatifa e cartas; além disso, auto para esgaravatar os dentes; esta é a vida de que se há de fazer consciência.” (Luís de Camões. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963, p.754).

-
- clxxxix *alcanço*: compreendo.
- cxc *Radamanto*: v. a nota 169.
- cxci Alusão a Sísifo. V. o reparo feito na nota 170.
- cxcii Tântalo. V. as notas 53 e 173.
- cxci *Provável alusão a Tício*. V. as notas 55 e 172.
- cxci *Despois na edição princeps*.
- cxv *Que o terno Cupido/Não voe, não corra*: V. a nota 78.
- cxvi *Vênus*.
- cxvii *despois na edição princeps*.
- cxviii Entenda-se: Se a dor a arrasta a verter lágrimas.
- cxix *valor*: ânimo.
- cc Verso defeituoso de sete sílabas métricas, um erro que Gonzaga não perpetraria. Decorre, sem dúvida alguma, de má leitura do manuscrito, e vem-se perpetuando a partir da primeira edição. Rodrigues Lapa propõe a lição "Ao acabar-se o dia".
- cci Trata-se de José Pedro Machado Coelho Torres, o desembargador que presidia aos interrogatórios na fortaleza da Ilha das Cobras, onde Gonzaga se achava encarcerado.
- ccii *quem*: v. a nota 12.
- cciii *Aqui* refere-se a Averno.
- cciv A despeito da vírgula entre *chega* e *outra*, é necessário realizar a sinalefa da última sílaba de *chega* com a primeira de *outra*, a fim de que se preserve o decassílabo, com acento na sexta sílaba. Mas, ainda assim, persiste a dureza do verso, tão insólita em Gonzaga.
- ccv *Adorar*, aqui, equivale a respeitar, reverenciar. Nesta acepção é latinismo encontradão na linguagem clássica. *Chefe* refere-se ao Visconde de Barbacena, governador da Capitania de Minas Gerais, a quem já Gonzaga dedicara a Lira XIV da segunda parte.
- ccvi Rodrigues Lapa, nisto seguindo a edição princeps, traz *cerco* que é a forma hereditária do vocábulo e, nesta acepção, fora suplantada pelo cultismo *circo* já nos dias de João de Barros.
- ccvii *indino*: o mesmo que indigno (v. a nota 123).
- ccviii *febra*: o mesmo que fibra.
- ccix *tesoiro* na edição princeps.
- ccx *oiro* na edição princeps.
- ccxi *Em esta vil masmorra*: é a lição de Rodrigues Lapa, que, diversa embora do que se lê na edição princeps e nas duas que se lhe seguem (*Nesta vil masmorra*), evita um verso defeituoso, e o que é mais, autoriza-se de uma dicção do mesmo Gonzaga, no v. 149 da Lira I da terceira parte, *Em o seu tesouro*.
- ccxii *varedas* na edição princeps.
- ccxiii *val*: o mesmo que vale.
- ccxiv Entenda-se: jasmim de Itália não se atreve às brancas faces, isto é, não ousa competir com elas em brancura.
- ccxv *perlas*: o mesmo que pérolas (v. a nota 108).
- ccxvi *a par dos beijos*: comparados aos beijos. A propósito do uso que Gonzaga faz deste vocábulo, v. a nota 10.
- ccxvii *Que, submergido*, etc.: Oração consecutiva, com elipse do advérbio intensificador *tanto*. Entenda-se: [Tanto pode o teu belo rosto] que ... resisto ao mal (cf. *Os Lusíadas* V, 44, 5, 7-8: "Antes em vossas naus vereis cada ano [...] [Tantos] naufrágios, [tantas] perdições de toda sorte/ que o menor mal de todos seja a morte.").
- ccxviii *Dentro no mar salgado*: construção corrente nos períodos medieval e clássico da língua (cf. *Os Lusíadas*. II, 14, 8: "Dentro no salso rio entrar queria.")

- ccxix *rebentar em flor*: o mesmo que rebentar produzindo espuma.
- ccxx *aferrar*, aqui, é o mesmo que ancorar. *Ferro* como sinônimo de âncora ainda é vivaz na expressão *lançar ferro*.
- ccxxi *loiro* na edição *princeps*.
- ccxxii *loiro* na edição *princeps*.
- ccxxiii *pai das Musas*: refere-se o poeta ao deus Apolo, como se depreende da quarta estrofe desta mesma lira, embora não seja fácil atinar com a origem da paternidade que Gonzaga lhe atribui. De acordo com o mito mais geralmente aceito, eram as Musas filhas de Zeus e Mnemósine, a Memória. Segundo outros, tinham por pai Urano, o Céu, e por mãe Gaia, a Terra. A Apolo, sim, cabia conduzir o coro das Nove Irmãs, do que lhe adveio o epíteto Musagetes.
- ccxxiv *oiro* na edição *princeps*.
- ccxxv *loiro* na edição *princeps*.
- ccxxvi *oiro* na edição *princeps*.
- ccxxvii *tesoiro* na edição *princeps*.
- ccxxviii *frente*: o mesmo que *fronte*. Nesta acepção também ocorre num dos raros manuscritos de Gonzaga que chegaram até nós, a ode na Aclamação de D. Maria I, v. 46.
- ccxxix *loiro* na edição *princeps*.
- ccxxx *por que*: *para que*. Este uso de *por* é corrente na linguagem clássica: "Por que de vossas águas Febo ordene / que não tenham inveja às de Hipocrene" (*Lusíadas* I, 4, 7-8).V. a nota 99.
- ccxxxi O costume de levar aos templos ex-votos que lá permanecessem como memoriais da assistência divina invocada e obtida nos perigos foi pagão, antes de ser herdado ao Cristianismo pela Antigüidade oriental e clássica. Análoga idéia ocorre nos quatro primeiros versos de um dos mais belos sonetos de Camões: "Amor, coa esperança já perdida, / Teu soberano templo visitei; / Por sinal do naufrágio que passei, / Em lugar dos vestidos pus a vida." (cf. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963, p. 270).
- ccxxxii *potro*: instrumento de tortura usado nos interrogatórios judiciais.
- ccxxxiii Eis a interpretação que Rodrigues Lapa dá desta passagem: "Que males voluntários não suportariam os que te amam, só para que ao menos tivessem a sorte de ouvir uma palavra de tua boca! " *Subiram* é um galicismo decalcado sobre o francês *subir*, que, naquela língua, significa suportar, padecer. Também Alvarenga Peixoto, contemporâneo de Gonzaga, incidiu na mesma importação semântica. Quanto à leitura do último verso do terceto com a inclusão de *ao* entre colchetes, como propõe o mesmo filólogo, parece-nos a única apta a produzir um enunciado de todo ponto coerente.
- ccxxxiv *A deusa cega*: a Fortuna.
- ccxxxv V. a nota 227.
- ccxxxvi *nua* na edição *princeps*.
- ccxxxvii *potros*: v. a nota 241.
- ccxxxviii V. a nota 64.
- ccxxxix *Íris*: divindade associada ao arco-íris, símbolo da bonança.
- ccxl *a Parca impia*: Embora Gonzaga se refira a uma única Parca (a quem, adiante, identifica com a Morte), eram três as míticas irmãs que presidiam aos destinos de cada um: Cloto, que fiava o fio da vida; Láquesis, que o enrolava; e Átropos – antes inexorável que impiedosa -, que o cortava.
- ccxli *Macilento, escarnado*: É a lição de Rodrigues Lapa, e a única apta a manter o número de sílabas métricas que formam um verso de seis pés. *Escarnado*, ademais, é vocábulo de uso corrente à época de Gonzaga, conforme afirma e prova o mesmo Rodrigues Lapa.

- ccxlii *Morfeu*: filho do Sono e da Noite. Tinha asas de borboleta e tocava com uma papoula os corpos fatigados, fazendo-os adormecer.
- ccxliii *tarimba*: estrado em que os soldados dormiam nos quartéis.
- ccxliv *cousas* na edição *princeps*.
- ccxlv *Pintam que estou bordando um teu vestido*: v. a nota 194.
- ccxlvii *loiro* na edição *princeps*.
- ccxlviii *oiro* na edição *princeps*.
- ccxlix *doirada* na edição *princeps*.
- ccl *folhas* v. a nota 8.
- ccli *dessa terra*: de Vila Rica, onde está Marília, a quem o poeta se dirige do Rio de Janeiro.
- cclii *gostosa*: contente, satisfeita, com gosto.
- ccliii *dino*: v. a nota 123.
- ccliiii Com razão Chamou Alberto Faria a esta lira "crônica processual rimada" (*apud* Rodrigues Lapa *op.cit.* p.114, nota). Gonzaga tê-la-ia composto a serviço de sua defesa, como meio de angariar as boas graças dos inúmeros leitores de seus versos. Publicada pela primeira vez em 1811, na edição da Tipografia Lacerdina.
- ccliv *Astréia*: filha de Zeus e Têmis, era a personificação divina da Justiça.
- cclv *Eu vejo saqueada / Esta ilustre cidade dos franceses*: Entenda-se: Eu vejo esta ilustre cidade – o Rio de Janeiro, onde o poeta se encontra encarcerado – saqueada pelos franceses. Refere-se Gonzaga ao assalto do Rio de Janeiro por uma esquadra capitaneada por René Duguay-Trouin, em setembro de 1711.
- cclvi *Lá*, refere-se a Pernambuco, tomado pelos holandeses em fevereiro de 1630 e resgatado pelos brasileiros em armas. *Aqui*, ao Rio de Janeiro, onde o sangue vertido por seus defensores não bastou para livrá-lo do resgate imposto pelos piratas, devendo, pois, as famílias da terra lançar mão de seus cabedais a fim de atender às duras condições impostas na capitulação de 10 de outubro de 1711: 600 mil cruzados, 500 caixas de açúcar e 200 bois.
- cclvii *não suspendo contudo no que digo*: não me interrompo no que digo.
- cclviii *tesoiro* na edição *princeps*.
- cclix *oiro* na edição *princeps*.
- cclx Este *pobre, sem respeito e louco* chamava-se Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes. Coube ao mesmo editor crítico de Gonzaga, Manuel Rodrigues Lapa, denunciar a injustiça destes versos, profligar a pusilanimidade de quem os escreveu e novamente proclamar o heroísmo do Alferes, na conferência "Tiradentes e Gonzaga", proferida em Ouro Preto a 21 de abril de 1958 (cf. *Revista do Livro*, 10, p.103-110. Rio de Janeiro, junho de 1958).
- cclxi *sócios*: companheiros, colegas em algum empreendimento. Nesta acepção é uso clássico.
- cclxii *Na Colônia*: trata-se da Colônia do Sacramento, fundada em 1680 na margem esquerda do Rio da Prata, por D. Manuel Lobo, governador do Rio de Janeiro. A legitimidade da presença lusa naquelas paragens foi repetidamente contestada pelos espanhóis, e a Colônia, mais de uma vez perdida e retomada pelas armas, acabou por passar definitivamente à coroa de Espanha, em 1777.
- cclxiii *Está voltada a corte brasileira / Na terra dos suíços, / Onde as potências vão erguer bandeira?* O sentido destes versos parece ser: Está a sede do governo brasileiro, vale dizer, o Rio de Janeiro, convertida numa Suíça, aonde as potências vão arregimentar soldados? Desde o fim da Idade Média era a Confederação Helvética conhecida pelo valor de seus mercenários: os reis de França ali recrutaram sua guarda até 1830 e, ainda em nossos dias, continua a fazer o mesmo da Santa Sé. A expressão *erguer bandeira*

parece estar decalcada no francês *lever bannière*, que significa convocar às armas, recrutar. Que Gonzaga não era avesso a empréstimos desta casta prova-o o uso que faz de *subir* na Lira XXXI da 2ª parte, v. 43 (cf. nota 242) Note-se, contudo, que em português, como em francês, *bandeira* é o nome da insígnia de um regimento e, por metonímia, pode significar o próprio regimento.

^{cclxiv} *O mesmo autor do insulto*: o alferes Silva Xavier.

^{cclxv} Lembra Rodrigues Lapa que Gonzaga, ao mesmo tempo que era favorável à anulação do débito de Minas à Metrópole, instigava o intendente Pires Bandeira a que requeresse o imposto da derrama. Assim fazendo, alegava, tornar-se-ia patente a impossibilidade do pagamento e a necessidade de extingui-lo.

^{cclxvi} *Não me unira, se os houvesse, aos vis traidores*: verso hipermétrico de onze sílabas. Embora defeituoso, Rodrigues Lapa manteve-o inalterado e o mesmo fazemos nós.

^{cclxvii} *oiro* na edição *princeps*.

^{cclxviii} V. a nota 10.

^{cclxix} Publicada pela primeira vez em 1811. Com Rodrigues Lapa, seguimos o texto da segunda edição, estampada em 1812 pela Imprensa Régia, por ser superior ao da primeira.

^{cclxx} V. a nota 13.

^{cclxxi} A edição Lacerdina, de 1811, traz *Fustões*; a Régia, de 1812, *Fastões*. A lição *Festões* é emenda de Rodrigues Lapa.

^{cclxxii} *Da Pancaia os gratos cheiros*: A Pancaia era uma região da Arábia, famosa na Antiguidade pelo incenso que produzia.

^{cclxxiii} V. a nota 260.

^{cclxxiv} *coroados*: para que se conservem as sete sílabas métricas do verso, este vocábulo deve ser lido *c'roados*, com síncope da primeira vogal, ou *co-roa-dos*, com eliminação do hiato.

^{cclxxv} V. a nota 44.

^{cclxxvi} *cousas* na edição Régia.

^{cclxxvii} *Touro*: v. a nota 14..

^{cclxxviii} *Cisne*: alusão à lenda de Leda, a quem Júpiter possuiu metamorfoseado em cisne.

^{cclxxix} *A velha em que foi mudado*: v. a nota 14.

^{cclxxx} *A grossa chuva de ouro*: V. a nota 14.

^{cclxxxi} *o verde louro / Que inda estima o pastor louro*: alusão à lenda de Dafne, metamorfoseada em loureiro no momento em que, acossada por Apolo – o pastor louro – estava prestes a ser possuída pelo deus.

^{cclxxxii} *A rede que enlaça a Marte*: trata-se da rede em que Vulcano aprisionou a Vênus, sua mulher, e a Marte, surpreendidos no ato mesmo do adultério.

^{cclxxxiii} *a casta deusa*: Diana, a Caçadora, aqui identificada com Selene, a Lua.

^{cclxxxiv} *o gentil pastor*: Endimião.

^{cclxxxv} *o bem querido*: Eurídice.

^{cclxxxvi} *Vês este farol? Guiava / Ao meu nadador de Abido*: referência à lenda de Hero e Leandro. Leandro vivia em Abido, na margem asiática do Helesponto, e todas as noites, guiado por uma lâmpada que Hero iluminava no alto de uma torre, atravessava o estreito a nado em direção de Sesto, morada de sua amante. Certa noite a lâmpada foi extinta por uma tormenta e Leandro, desorientado, se afogou. Na manhã seguinte, tendo-lhe descoberto o corpo, que viera dar à praia, Hero subiu à torre e de lá se precipitou.

^{cclxxxvii} *Vês estas duas espadas / Ainda de sangue cheias? / A Tisbe e a Dido mataram*: Tisbe era amante de Píramo. Este, supondo que ela fora devorada por uma leoa, matou-se com a própria espada. Ao descobrir o que se passara, tomou Tisbe da mesma espada e

com ela se matou. Dido, fundadora e rainha de Cartago, tendo sido abandonada por Enéias, matou-se com a espada deixada pelo amante.

^{cclxxxviii} *Sabes quem vai no navio, /Que nesse mar se levanta? / É Teseu:* Há várias e conflitantes versões da lenda de Teseu e Ariadne. Segundo a mais difundida de todas, em sua viagem de Creta para Atenas o herói e a filha de Minos fizeram escala na ilha de Naxos. Ariadne adormeceu e, ao despertar, descobriu que o navio de Teseu já desaparecia no horizonte.

^{cclxxxix} *Vês esse pomo? / É de Cídice, assim como / São aqueles de Atalanta:* Acôncio viu a Cídice no templo de Diana, em Delos, e por ela se apaixonou instantaneamente. A fim de uni-la a si por laços infrangíveis, recorreu ao estratagema de escrever na casca de uma fruta "Pelo templo de Diana, juro que me casarei com Acôncio" e, em seguida, lançá-la na direção da donzela, que a tomou nas mãos e leu a frase em voz alta, tendo a deusa por testemunha do involuntário juramento. Atalanta, que não queria casar-se, anunciou que só desposaria o homem capaz de vencê-la na corrida, estipulando, outrossim, que, no caso de ser ela vencedora, mataria o pretendente. Muitos foram os que assim morreram. Finalmente um certo Hipomene – ou, segundo outras fontes, Melânio – lançou mão do expediente de, no momento mesmo em que ia ser alcançado e alanceado por Atalanta, deixar cair, um por um, os pomos de ouro que lhe dera Vênus. Deteve-se Atalanta a recolhê-los e perdeu a corrida. Já antes de Gonzaga, Camões se referira aos pomos de Cídice e Atalanta nos versos 199-202 da écloga terceira (cf. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963, p.429).

^{ccxc} *Repara nesse semblante, etc.:* Helena era mulher de Menelau, rei de Esparta, e foi raptada por Páris, filho de Príamo, rei de Tróia. Este ato provocou a guerra e destruição de Tróia, o que explica às referências de Gonzaga à *grega armada* e a *Tróia abrasada*.

^{ccxci} *Vê est'outra formosura? / É a bela Deidamia, etc:* v. a nota 30.

^{ccxcii} *Cleopatra é quem se segue, etc.:* Cleópatra, filha de Ptolomeu XIII e rainha do Egito de 51 a 30 a. C. , seduziu sucessivamente a César e a Marco Antônio. Derrotado este por Otávio, em Ácio, a rainha suicidou-se, segundo reza a tradição, fazendo-se picar por uma víbora. A pronúncia *Cleopatra*, aqui adotada, é clássica e tem o aval de Luís de Camões: "De Marco Antônio a fama se escurece, /Com ser tanto a Cleopatra afeiçoado." (*Os Lusíadas*, III, 141, 5-6).

^{ccxciii} *Aqui Hérnia se figura, etc.:* O *sábio dos maiores* a que se refere Gonzaga é Aristóteles, que por ocasião da trágica morte de Hérnias às mãos dos persas, compôs um hino em seu louvor. Muitos anos depois, os atenienses usaram este hino como um pretexto para acusar o filósofo de impiedade, por haver, segundo eles, tributado à memória de uma criatura uma honra a que só os deuses faziam jus. Com isto forçaram-no a buscar refúgio em Cálcide, na Eubéia, onde veio a morrer. Mas Gonzaga se engana em um ponto, e não dos menores: Hérnia não era uma mulher, era o tirano de Atarnéia, em cuja corte Aristóteles viveu por alguns anos. O hino, que ainda hoje se lê em Diógenes Laércio, é uma admirável celebração da Virtude.

^{ccxciv} *Este é de Ônfale o retrato, etc.:* v. a nota 31.

^{ccxcv} V. a nota 31.

^{ccxcvi} *Em o seu tesouro encerra:* Na edição Lacerdina está *Em seus tesoiros encerra*.

^{ccxcvii} *Grossos beijos encarnados:* *Grossos*, como assinala Rodrigues Lapa, equivale a *carnudos*. A edição Lacerdina traz *Lindos beijos encarnados*. A propósito do uso da palavra *beijos* v. a nota 10.

^{ccxcviii} *aborrece:* o mesmo que não gosta.

^{ccxcix} *numa cruel:* a palavra *cruel*, aqui, é substantivo.

^{ccc} *oiro* na edição *princeps*.

^{ccci} *Se encontrares louvada uma beleza*, etc. É o mesmo conceito expendido na lira XXXI da primeira parte.

^{ccci} *fadiga*: neste contexto, como assinala Rodrigues Lapa, não quer dizer cansaço, mas sim trabalho, tarefa, incumbência.

^{ccci} É a primeira versão da lira I da primeira parte. Acredita Rodrigues Lapa que tinha sido composta no Brasil, embora seus versos estejam dirigidos não a Marília mas a uma Nise que, provavelmente, jamais identificaremos.

^{ccci} *Não cinjo coroa d'ouro*: para que se mantenham as seis sílabas métricas do verso é necessário ler *c'roa*, com síncope da vogal pré-tônica.

^{cccv} *Verdeja a coroa do sagrado louro*: para que se mantenham as dez sílabas métricas do verso é necessário ler *c'roa*, com síncope da vogal pré-tônica.

^{cccv} *a ninfa que jaz vertida em louro*: Dafne (v. a nota 291).

^{cccv} *Jove [...]* já mudado em velha: v. a nota 14.

^{cccv} *pertendem* na edição *princeps*.

^{cccx} *beijos*: v. a nota 10.

^{cccx} *númen*: v. a nota 156.

^{cccx} Com vivas cores descreve Gonzaga a viagem do Brasil a Lisboa, tentando convencer a noiva a deixar "as já lavradas serras" natais pelos "saudosos lares" do poeta.

^{cccx} *Tu, formosa Marília, já fizeste / Com teus olhos ditosas as campinas*: Tópico freqüente na poesia clássica, como nestes versos de écloga terceira de Camões: "Ante seus olhos leva os olhos ledos / Da branca Dinamene, que enverdece, / Só co meneio, os vales e rochedos". (*Obras Completas*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963, p.399).

^{cccx} *Não corres como Safo sem ventura, / Em seguimento de um cruel ingrato*: alusão à lenda dos amores infelizes de Safo e Faão, veiculada por Ovídio na décima quinta de suas *Heróidas*.

^{cccx} *Segues um fino amante, / Que, a perder-te, morria*: *a perder-te* é uma oração reduzida de infinitivo com valor de condicional: *se te perdesse*. É uso clássico ainda vivaz na linguagem culta de nossos dias.

^{cccx} *alheta*: cada um dos dois cantos da popa de uma nau.

^{cccx} *desrinzar-se o linho*: *linho* é, por metonímia, a vela; *desrinzar* ou *desrizar o linho* é o mesmo que aumentar a superfície de uma vela exposta ao vento.

^{cccx} *o empavesado pinho*: assim como *linho* é, por metonímia a vela, *pinho* é a nau; o *empavesado pinho* é a nau guarnecida de paveses, ou seja, de placas de madeira ou outro material apostas ao bordo de uma embarcação como proteção contra tiros inimigos.

^{cccx} *Verás como o Leão, na proa arfando, / Converte em branca espuma as negras ondas*: Versos de difícil interpretação. *Leão* seria, porventura, o nome uma nau? Ou estaria o poeta referindo-se à figura de proa de um dos navios da carreira do Brasil?

^{cccx} *Que as talha e corta*: é a lição da edição Régia, de 1812. A Lacerdina, do ano anterior, traz *Que atalha e corta*, o que é erro evidente.

^{cccx} *doirada* na edição *princeps*.

^{cccx} *De toninhas verás o mar coalhado*: Além de ser uma forma feminina de um dos nomes do atum, *toninha* é também a designação de uma variedade de cetáceos bastante comum no Atlântico Sul. Se considerarmos os primeiros versos da estrofe seguinte veremos que é a estes, provavelmente, que se refere Gonzaga.

^{cccx} *Morfeu as dormideiras espremia*: Segundo o lexicógrafo Antônio de Moraes Silva, contemporâneo de Gonzaga, o termo *dormideira* englobava várias ervas soníferas, entre as quais se encontravam as do gênero *papaver*. V. a nota 251.

^{cccx} *Ergue-se a onda, vem à nau direita*, isto é, vem diretamente em direção à nau.

Compare-se o uso de *direita* neste verso com a acepção do verbo *endireitar* de que trata a nota 96.

^{cccxxiv} *O navio se deita, / E ela finge a ladeira.* Entenda-se: o navio se inclina e é a onda a causa da inclinação.

^{cccxxv} *lais:* a ponta da verga do mastro.

^{cccxxvi} *entretanto que a sente:* enquanto a sente.

^{cccxxvii} *carroça:* coche, carruagem de quatro rodas.

^{cccxxviii} *Da música sereia:* a palavra *música* é, aqui, um adjetivo equivalente a musical.

^{cccxxix} *gajeiro:* marinheiro encarregado de subir à gávea para verificar se a terra estava à vista.

^{cccxxx} *descobre arrumação:* determina no mapa a posição da nau.

^{cccxxxi} *De Cascais a muleta já vem perto:* *muleta* era o nome dado a certas embarcações pequenas que saíam para fora da barra do Tejo, em geral para pescar. No caso, trata-se da embarcação que traz o piloto encarregado de conduzir a nau rio adentro até o ancoradouro.

^{cccxxxii} *esperto:* vivo, ativo.

^{cccxxxiii} *mezena e gata:* nome de duas velas de popa.

^{cccxxxiv} *claro Tejo:* ilustre Tejo. Este uso do adjetivo *claro* é latinismo que já ocorre em Camões em idêntico sintagma: "Scabelicastro cujo campo ameno / Tu claro Tejo, regas tão sereno." (*Os Lusíadas*, III, 55, 7-8).

^{cccxxxv} Ao contrário do que uma leitura superficial desta lira daria a entender, não foi ela composta como derradeiro adeus do poeta, antes de partir para o desterro em Moçambique. A última estrofe, como bem notou Rodrigues Lapa, aponta para a certeza da volta, ao cabo de algum tempo. Além do quê, como observa o mesmo filólogo, "há o quer que seja de artificial e composto na lira. A desgraça inspiraria acentos mais enérgicos." (Rodrigues Lapa, *op. cit.*, p. 20 nota)

^{cccxxxvi} *engraçados:* v. a nota 64.

^{cccxxxvii} *Que nem rígidas serpentes / Resistem aos tiros seus:* oração consecutiva (v. a nota 225).

^{cccxxxviii} *eles* tem por antecedente *os suspiros*.

^{cccxxxix} *os* tem por antecedente *os suspiros*.

^{cccxl} *Dircéia:* seria, por outro nome, Marília de Dirceu, como, ao que parece, a Dircéia da lira IX da terceira parte? Não o sabemos.

^{cccxli} *engraçado:* v. a nota 64.

^{cccxlii} *esfera:* v. a nota 142.

^{cccxlili} *dous* na edição *princeps*.

^{cccxliv} *Pendiam coroas mil de grama e louro:* É necessário ler *c'roas*, com síncope do *o* átono, a fim de que se preservem as dez sílabas métricas do verso.

^{cccxlv} *O númen tutelar da monarquia / Que fez do grande Henrique a invicta espada.* O sentido destes versos parece ser: O númen titular da monarquia que a invicta espada do grande Henrique fez. Mas por que *Henrique*, e não *Henriques*, se o fundador da monarquia portuguesa foi Afonso Henriques e não seu pai, o conde Henrique de Borgonha? Quanto a *númen*, v. a nota 156.

^{cccxlvi} *por consultar, etc.:* v. a nota 99.

^{cccxlvii} *Furtado:* Afonso Furtado de Mendonça, antepassado do Visconde de Barbacena, ao nascimento de cujo filho, Francisco, Gonzaga dedica este soneto e o que se lhe segue.

^{cccxlviii} *O sítio beija, e lhe mostra o nome:* decassílabo sáfico, com os acentos na quarta e oitava sílaba. O hiato entre a quinta e a sexta sílaba é o responsável pela atípica frouxidão do verso.

^{cccxlx} *adora*: v. a nota 213.

^{cccl} *De mil heróis no Tejo vencedores*: Observa Rodrigues Lapa que este verso é referência a Afonso Furtado, que se distinguiu no combate naval de 1384 contra os castelhanos.

^{cccli} *discurso*: v. a nota 13.

^{ccclii} *rabil*: também chamado arrabil, era na definição de Morais Silva, um "instrumento pastoril de cordas, como uma rabequinha".

^{cccliii} *Adeus, doce rabil, neste alto freixo / Te fica, ao meu destino consagrado*: Este versos parecem ecoar aquilo de Camões, em Babel e Sião: "Aquele instrumento ledó / Deixei da vida passada, / Dizendo: - Música amada, / Deixo-vos neste arvoredó, / À memória consagrada." (*Obras Completas*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963, p. 498).

^{cccliv} *Te fica*: Fica-te. Embora haja outros exemplos clássicos desta construção, a norma do português contemporâneo tende a rejeitar a anteposição de um pronome átono ao imperativo afirmativo.

^{ccclv} *lhe diz*: v. a nota anterior.

^{ccclvi} *oiro* na edição *princeps*.

^{ccclvii} *agoiro* na edição *princeps*.

^{ccclviii} *tesoiro* na edição *princeps*.

^{ccclix} *Nuno*: Nuno Álvares Pereira, condestável de Portugal, que derrotou os castelhanos em Aljubarroto, aos 14 de agosto de 1385. Entre os vencidos achavam-se dois irmãos seus, Diogo e Pedro Álvares Pereira (cf. *Os Lusíadas*, IV, 14 e 32).

^{ccclx} *João*: D. João de Castro, quarto vice-rei da Índia, herói do primeiro cerco de Diu – o "Castro forte", nomeado na dedicatória de *Os Lusíadas*, I, 14, 7. Em dezembro de 1546 escreveu aos vereadores e juizes de Goa solicitando-lhes o empréstimo de fundos para reconstruir a fortaleza de Diu, derrubada até os alicerces pelas tropas assediadas do rei de Cambaia; e, em penhor de boa fé, enviou-lhes as próprias barbas, como se lê na *Vida de D. João de Castro*, de Jacinto Freire de Andrade (1597-1657).

^{ccclxi} *Zelava o sexo do civil ruído*. Entenda-se: Protegia cuidadosamente o sexo feminino dos alvoroços citadinos. O uso do verbo zelar nesta acepção e construção é puramente clássico, ainda que, de raro em raro, ocorra em autores contemporâneos.